

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

SOBRE ITAJAÍ: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA.

BEATRIZ KONESKI SANTANGELO

FLORIANÓPOLIS

1998

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

SOBRE ITAJAÍ: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA.

BEATRIZ KONESKI SANTANGELO

**Dissertação apresentada como
exigência parcial para obtenção
do grau de Mestre em História do
Brasil à Banca examinadora da
Universidade Federal de Santa
Catarina, sob a orientação da
Prof.^a Joana Maria Pedro.**

FLORIANÓPOLIS

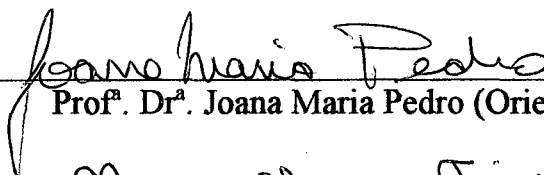
1998

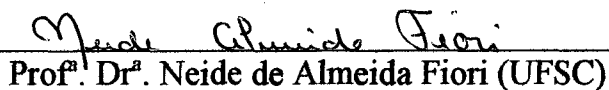
SOBRE ITAJAÍ: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

BEATRIZ KONESKI SANTANGELO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL


BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Joana Maria Pedro (Orientadora) (UFSC)


Prof.^a. Dr.^a. Neide de Almeida Fiori (UFSC)


Prof.^a. Dr.^a. Cynthia Machado Campos (UFSC)

Prof.^a. Dr.^a. Cristina Scheibe Wolff (Suplente) (UFSC)


Prof. Dr. Artur César Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 31 de agosto de 1998.

FICHA CATALOGRÁFICA

S59s Santangelo, Beatriz Koneski
Sobre Itajaí : uma discussão historiográfica / Beatriz Koneski
Santangelo.- Florianópolis : UFSC, 1998.
113p.
Bibliografia.
Anexos.
Orientadora: Joana Maria Pedro.

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção
do grau de Mestre em História do Brasil.

1.Itajaí - História. 2.Santa Catarina – História. 3.Historiografia.
I. Título.

CDU: 981.64

Bibliotecária: Telma de Almeida T. da Silva.
CRB 14: 544

“O Senhor é o meu pastor: nada me faltará”
Sl. 23:1

*“Em todo o tempo ama o amigo;
e na angustia nasce o irmão.” Pv. 17:17*

A você Patricia, só posso dizer: Muito Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Aos historiadores locais, por suas obras e contribuições à história da cidade. A eles devo gratidão, pois sem seus esforços, este trabalho não se realizaria.

Aos funcionários do Arquivo Histórico de Itajaí, em especial, D. Vera Lucia de Nóbrega Pecega Estork, bibliotecária e o Sr. Rogério Lenzi, pesquisador.

Aos funcionários da Biblioteca Central da UNIVALI, do Centro de Memória e Documentação Social e Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.

À Pró-Reitoria Acadêmica da UNIVALI, em especial à professora Suely Petry, pelo seu incentivo e carinho.

À coordenação e ao corpo docente do curso de Pós-Graduação em História do Brasil da UFSC, pelo acolhimento e dedicação dispensada, especialmente à Dra. Joana Maria Pedro.

Aos meus filhos e esposo pela paciência, carinho e estímulo, tão necessários à realização de uma tarefa.

Enfim, a tantos mais que contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a construção historiográfica da cidade de Itajaí, percebendo as tendências teórico-metodológicas que norteiam estas construções históricas. Partindo das primeiras produções históricas, buscou-se perceber as transformações até os nossos dias através da presença da universidade local - UNIVALI - reconhecida como centro irradiador das novas tendências historiográficas e local de produção histórica por excelência. Assim buscamos a historiografia local e as várias histórias de Itajaí, que são produzidas no decorrer de cursos de especialização da UNIVALI, permitindo o surgimento de novos historiadores, da produção de novas histórias a partir de novos enfoques teórico-metodológicos.

ABSTRACT

This research has as objective to analyze the historical constructions of Itajaí City, perceiving the theoretical-methodologic tendencies that give direction to these historical constructions. Starting from the first historical productions, it was tried to perceive the transformations until ours living days throughout the local university - UNIVALI - recognized, as broadcast center of the new historiography tendencies and the place of historic production by excellence. This way we searched for the local historiography and the several Itajaí's histories that are produced on the process of the specialization courses of the UNIVALI, allowing the arising of new historiographers, and the production of new histories from the theoretical-methodologic focus.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	9
PRIMEIRO CAPÍTULO: Uma cidade, Itajaí ... uma história	20
SEGUNDO CAPÍTULO: Um novo olhar, Itajaí ... outras histórias	46
TERCEIRO CAPÍTULO: Uma nova história, Itajaí ... outras cidades	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
ANEXOS	
ANEXO 01 - Relatório do Curso de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão de História do Brasil - ITAJAÍ - 1987	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES	112

INTRODUÇÃO

“A explicação histórica consiste assim em en contrar na história uma forma de explicação que temos, de qualquer modo, “sabido sempre”; é por isso que se pode qualificá-la como compreensão, é por isso que a história nos é familiar, é por isso que nos encontramos nela como em nossa casa.”¹

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de perceber as construções historiográficas na produção histórica de Itajaí, e as significativas modificações que nestas ocorreram a partir da instalação da FEPEVI - Fundação de Ensino do Pólo Geo-Educacional do Vale do Itajaí, em 1970 - e sua transformação em UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí, no ano de 1991.

Esta discussão procurará mostrar que as mudanças que ocorreram na historiografia local, ocorreram não apenas na forma de escrever a história, nas suas concepções teóricas, mas também a partir do espaço onde se realiza esta produção, um espaço privilegiado e reconhecido socialmente.

A discussão tem início com a apresentação de alguns dos primeiros autores que escreveram sobre a história de Itajaí e em torno de um tema específico e familiar a eles - a fundação - realizou-se análise da perspectiva historiográfica na qual estão inseridos, procurando caracterizar adequadamente o viés teórico metodológico por eles utilizado.

Assinalou-se ainda, através da época em que os textos estudados foram escritos, que o tempo de mudança não se evidencia na produção histórica local ou regional, mas na lenta transformação da memória.

¹ VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Portugal: Edições 70, 1971. p. 102.

Na análise da historiografia de Itajaí, verificaram-se mudanças a partir da fundação da FEPEVI e decorrentes da introdução do curso de História, da preocupação com a qualificação do corpo docente, bem como dos incentivos advindos da instituição oportunizando a profissionalização e a qualidade do ensino.

Essas questões promoveram o surgimento de trabalhos importantes como os escritos por Joana Maria Pedro e Maria Bernardete Ramos Flores, que, como professoras da referida instituição e com o seu incentivo, produziram pesquisas históricas em nível de mestrado, as quais marcaram uma nova fase na produção de história sobre Itajaí, por abordarem temas como economia e demografia, até então inexplorados. Aparentemente, com uma nova perspectiva teórico-metodológica, foi possível identificar a influência de outras tendências históricas pois mudaram as fontes e o método.

O presente trabalho, por fim, completa-se com o momento da análise da construção histórica de Itajaí que está ligada aos textos produzidos a partir dos cursos de pós-graduação em nível de especialização da FEPEVI-UNIVALI. Nessa fase verificou-se a preocupação da instituição com a profissionalização do corpo docente e sua função como centro irradiador das tendências teórico-metodológicas esboçadas nacionalmente. Através dos cursos de pós-graduação, portanto, foi possível identificar os avanços ocorridos na produção histórica e a discussão teórica decorrente, e verificar a preocupação dos autores em torno de métodos, objeto e teoria.

Através desta análise percebe-se como cada autor constrói a história de Itajaí. Como ele vê a cidade, sua gente e, ainda mais, a distância que se mantém entre a cidade do historiador e a cidade que existe como uma construção onde o tempo, o conhecimento, o sujeito, o objeto, são obras de quem vê e de quem constrói a história - o historiador.

Para realizar a tarefa proposta neste trabalho, não se teve a ambição de esgotar o tema, mas desfrutar do “viver” que a história permite, cada vez que se desafia a barreira do tempo. Viver e ver que, através da história, existe a familiaridade dos indivíduos com o seu tempo, as idéias que produzem, aquilo que fazem ou deixam de fazer. Aquilo que guardam, até mesmo sem perceber. “*Como na nossa casa.*”²

É importante ressaltar que a familiaridade³ que envolve e aproxima o autor do historiador é a história. Aquilo que é vivo e em constante transformação. A história que é cheia de encontros e desencontros, perdas e danos, lutas e vitórias. É familiar, como se tudo estivesse ali por um instante, e no momento seguinte já não estivesse mais. Mas é algo familiar, até na ausência.

Percebe-se a história como o movimento da água do mar sobre a areia, com sua espuma deslizando vagarosamente. “Nadar” no intervalo de tempo de cada vai-vém das ondas é avançar sobre uma superfície aparentemente imutável. No entanto, os grãos de areia já não são mais iguais, a força da onda não é mais a mesma, já não há o mesmo contorno, a mesma curva e contudo há uma familiaridade. Mas... os limites modificam-se. Assim é a história. O mar é o mundo em que o homem vive, onde nada é certo ou eternamente concreto. Nada pode fazer as coisas retornarem ao seu estágio anterior, nem trazer de volta a mesma esfera de acontecimento, com seus fatos e elementos. Tudo é único, singular, sem imediatismos ou marcas registradas como nas prateleiras de um supermercado. Ou melhor, como em um mercado onde reinam as leis do capital liberal. Assim, também, para a mercadoria história impõem-se regras de compra e venda para emoldurar o frasco que abriga seu conhecimento.

² Ibidem. Idem.

³ Ibidem. p. 20

Mas há uma familiaridade que vai desde o acontecimento em si, até o ato desprendido e desmedido da busca de sua compreensão. Há uma familiaridade com o que foi, com os rastros deixados, com o que permanece e que permite reconstruir a história.

Ao historiador cabe a tarefa mais difícil: reagrupar elementos, fatos, reerguendo um tempo que foi. Dele existem nas casas, nos cantos, coisas, móveis, escritos, objetos, frases, elementos de um tempo que não volta, mas que trazem em si uma familiaridade. Essa que permite conhecer, resgatar os fatos, transformando-os, num momento, em benefício, noutro, em malefício, dada a familiaridade que deles se resgata. Sua interpretação dependerá, portanto, do enfoque metodológico conferido pelo historiador.

Relembrando Paul Veyne⁴, aquilo que importa ao historiador é a erudição, a sensibilidade, a percepção que compõem a familiaridade com que produz sua obra. Daí importa à história, a existência dos fatos que servem ao historiador, e isto deve bastar-lhe, pois *“a história não tem nenhuma exigência”*⁵.

A grande contribuição de Paul Veyne está justamente em permitir ver, o que muitas vezes se nega: a simplicidade que compõe a história.

O historiador vai construir a história, ou melhor, reconstruir um caminho que ele mesmo não percorreu, a partir do que restou e da compreensão que lhe permitirá reconstruir os fatos. E, neste processo de reconstrução, buscam-se informações que poderão revelar algo mais sobre aquele assunto, *“o que ainda podemos saber”*⁶.

Ao estudar a história de Itajaí, o que interessa, ao ler os autores, é descobrir algo mais sobre este local, ou seja, o que existe e ainda não foi dito, escrevendo então, aquilo que permite desvelar o conhecimento desse algo mais.

⁴ Ibidem. p. 20.

⁵ Ibidem. p. 22.

⁶ Ibidem. Idem.

Portanto, a preocupação central deste trabalho, é buscar compreender como se escreveu e se tem escrito a história de Itajaí, e discutir, a partir de alguns autores, a perspectiva historiográfica pela qual eles apresentam a cidade sem, no entanto, perder de vista a consideração de Paul Veyne de que : “*o método histórico com que nos martelam os ouvidos não existe*”.⁷

Assim, o que se questiona em história são as amarras dos métodos, tratados muitas vezes como camisas-de-força de onde o historiador não pode sair. Este trabalho procura rescrever Itajaí, mas através da perspectiva dialética que oscila entre o rigor acadêmico e a criatividade ou impulso intuitivo e artístico que move o historiador.

Configura-se, ainda, a suprema importância dos acontecimentos, já que eles prescrevem o caminho percorrido pelo historiador: “*afinal, a história é a narrativa dos acontecimentos humanos...que não se repetem.*”⁸

Como no vai-vém das ondas, nada é o mesmo. A cada movimento, a cada trajetória, tanto quanto a história, podem ser iguais no olhar rápido, mas não na sua forma.

Ao historiador é dada a possibilidade de investigar, estar atento para os novos caminhos que se abrem quando observa os documentos e percorre seus rastros. E assim perceber que há, em tais documentos, um cheiro que provém de um tempo anterior, fruto de um outro perfume. É nesse tempo, que possivelmente passou, que está a tarefa da qual se ocupa o historiador e para a qual precisa estar preparado, sendo capaz de desvendar, interpretar, investigar, analisar, relacionar e articular os documentos. Tudo conduz para a construção de um novo saber, que se caracteriza a partir de citações e relacionamentos

⁷ Ibidem. p. 15.

⁸ Ibidem. Idem.

fundamentados no referencial de escolhas teóricas e metodológicas que o historiador faz, conforme sua visão de mundo.

No primeiro capítulo, a partir do tema “fundação”, inicia-se a apresentação da história de Itajaí, destacando um grupo de autores e buscando perceber a visão de mundo que permeia seus escritos, as bases teóricas sob as quais se assentam tais escritos e a partir de que espaços de produção histórica eles constroem seus referenciais.

Verificar-se-á, assim, a produção de uma história cujas bases teóricas inserem-se nos parâmetros da história tradicional, ou da história que parte dos pressupostos da construção do Estado-Nação.

Entender-se-á que tais autores possuem uma forma de produção histórica, preocupada em registrar os feitos heróicos dos homens brancos e de origem européia, tendo como centro irradiador responsável por sua institucionalização e legitimação frente à sociedade, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cuja origem data do final do século XIX, no Rio de Janeiro. Na medida em que ocorreu a difusão por todo o país, os pressupostos teóricos da construção do Estado-Nação, com seus heróis e mitos, tornaram-se idéias hegemônicas nas narrativas históricas produzidas.

Desta forma, constata-se que a produção histórica local de Itajaí, sobre sua fundação, está muito ligada a esta forma específica de produção do Instituto Histórico e Geográfico e que, portanto, concentrará em si elementos formadores que inviabilizam uma tomada de posição frente aos fatos e acontecimentos que não sejam aqueles já previamente demarcados.

Mas o tempo da produção histórica é um tempo dinâmico, como também o é o tempo da análise deste ato de produzir historicamente.

No segundo capítulo, a intenção é perceber que algo acontece de novo na historiografia. Rompem-se amarras, abrem-se perspectivas analíticas diferenciadas e, neste cenário, surgem novos objetos e temas sob outras abordagens. Através dos trabalhos de Maria Bernardete Ramos Flores e Joana Maria Pedro, poderemos perceber essas mudanças e além disso, que o tempo da produção histórica não é algo linear, mas mutável e caleidoscópico.

Enquanto a história tradicional ignorou uma parcela significativa da população, como trabalhadores negros e mulheres, a história aí produzida recuperou sujeitos silenciados até então, dando-lhes vida, retirando-lhes o véu do anonimato. Deu visibilidade ao seu papel econômico, pois inscrito no tempo da produção e do mercado, configurando-se o campo das relações sociais.

Outras produções históricas estão inscritas a partir da criação da UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí, tendo ela se tornado um novo centro irradiador das novas metodologias e tendências históricas através dos cursos de pós-graduação em História.

No âmbito desses cursos, verificou-se a presença das idéias marxistas, como referencial teórico-metodológico que passou a influenciar a produção histórica realizada nos trabalhos de conclusão de curso, as monografias. Essa influência, no entanto, foi rompida com a abertura de novas perspectivas metodológicas introduzidas pela adoção dos pressupostos teóricos da “*nova história*”

Assim, nota-se que as novas tendências da historiografia francesa foram incorporadas às aulas ministradas e suas bibliografias utilizadas como referencial teórico. Dessa forma, a história da cidade vê surgir um grupo de novos historiadores.

Estas novas propostas e temas modificam a historiografia local fazendo surgir uma outra Itajaí, em um universo que vai da elite ao operário, da liberdade à escravidão, da morte à vida.

Para compreender melhor os novos temas, os novos objetos e as novas abordagens que compõem o referencial dos novos historiadores de Itajaí, passaram a ser leitura obrigatória, nos cursos de História, os trabalhos de Jacques Le Goff e Pierre Nora⁹, “operando-se o descortinar de um novo horizonte”.¹⁰ A história se vê frente a uma situação de mudança de renovação que é fundamental, pois o mundo moderno e sua dinâmica não comportam mais as finalidades e determinismos da produção histórica que havia até então.

A obra de Foucault, *A verdade e as formas jurídicas*, tornou-se um referencial importante, uma vez que, a partir de sua perspectiva, encontramos suporte para identificar na história de Itajaí o sujeito que aí se forma, ou seja, “que se constitui no interior mesmo da história”¹¹ e, principalmente, que as histórias aí produzidas são verdades, produto de “certas formas de subjetividade, certos domínios de objetos, certos tipos de saber”¹² e ainda que a cidade continua lá, como uma outra verdade.¹³

Ao identificar na historiografia local a presença da história positivista, e de temas e objetos ligados as novas tendências históricas, é inevitável citar a obra de Peter Burke *A escrita da história*. O autor permite observar a trajetória da reconstrução histórica do ponto de vista teórico, realizando uma discussão sobre a história positivista e esclarecendo

⁹ LE GOFF, Jacques. *História: novas abordagens*. direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Rio de Janeiro; Francisco Alves, 1976.

História: novos objetos. direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

História: novos problemas. direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora; Trad. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

¹⁰ *Ibidem*. p. 13.

¹¹ *Ibidem*. p. 8.

¹² FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. de Roberto Cabral de Melo Machado e outros. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC. Série Letras e Artes - 6/7 7, cadernos n° 16, 1979.

¹³ *Ibidem*. p. 7.

que mudanças ocorrem em direção a nova história. Da mesma forma, outros artigos inseridos em sua obra foram de grande contribuição.¹⁴

Ainda, ao perceber nos vários momentos da historiografia local, estes novos objetos e novos temas, vale citar a obra organizada por Lynn Hunt, *A Nova História Cultural*, que nos auxiliou a visualizar as mudanças nas posturas teóricas, seus avanços e a partir daí, observar a postura teórico-metodológica, dos autores que escreveram sobre Itajaí, e a influência dos escritos da nova história em sua produção.¹⁵

Para discutir a história tradicional como parâmetro historiográfico presente na historiografia local a obra de Michel de Certeau, *A Escrita da História*, contribuiu de forma significativa pela clareza com que expõe tal método histórico.

Outros textos foram utilizados neste trabalho e serviram de suporte para realizar as reflexões específicas nos textos históricos analisados, tais como: Sidney Chalhoub¹⁶, Nicolau Sevcenko¹⁷, Iracy Galvão Sales¹⁸, Hermetes Reis Araujo¹⁹, Rosângela Cherem²⁰, Esses, entre outros, permitiram ver e analisar novos objetos, os mais variados temas e sob novas abordagens, pois serviram de suporte teórico para muitos historiadores

Ainda cabe ressaltar a obra de Peter Burke, *A escola dos Annales*, leitura presente no decorrer do 3º curso de pós-graduação da UNIVALI, e que tem especial importância,

¹⁴ BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História*. - novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

¹⁵ HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹⁶ CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Trabalho, lar e botequim. o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁸ SALES, Iracy Galvão. *Trabalho, progresso e a sociedade civilizada o Partido Republicano Paulista e a Política de mão-de-obra (1870 - 1889)*. São Paulo: HUCITEC / Instituto Nacional do Livro, 1986.

¹⁹ ARAUJO, Hermetes Reis. *A invenção do Litoral*. reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

²⁰ CHEREM, Rosângela. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: USP, 1994.

pois aí aparece a tomada de consciência de novos caminhos e de novos mundos que rodeavam a história e a sua escrita.²¹

Este trabalho não tem a pretensão de ser único, nem de dar por completa a discussão sobre a historiografia de Itajaí, mas de contribuir com algo provisório, como tudo mais é nesta vida. A preocupação da pesquisadora foi a de proporcionar uma análise da historiografia local, percebendo sua renovação e a possibilidade de encontrar historiadores, da Itajaí de hoje, que *“modificam, enriquecem e subvertem os setores tradicionais da história.”*²²

Procurou-se, então, tornar possível, revisitar a história local, questionar a historiografia nos seus métodos, determinismos finalidades e obter novas experiências, como aquela do vivido, percebendo que a história é como tudo o mais que o homem produz, sem eternidade. Por não se dispor do “fio de Ariadne” que possibilite um controle da vida é que se vivenciou uma pesquisa histórica que ficou inacabada. Por ter sido extremamente enriquecedora e ter levado a pesquisadora por caminhos até então inexplorados, sente-se que esta obra ainda está latente e que ocupará outros momentos dando continuidade à estas reflexões.

Após um processo de “apagar da memória”, percebe-se o quão difícil é, para o historiador, dar continuidade ao seu processo de criação histórica, quando a sua história está envolvida em rupturas, transformações e adaptações. É justamente a partir destas questões que se produz uma nova história. Quando o tempo deixa de ser o elemento que conduz à vivência, passando pela experimentação de novas experiências e descobertas de novas bases de pensamento. Como morrer e reviver. Assim, ao me deparar com um texto que

²¹ BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia. Escola dos Annales, 1929-1989. Trad. Nilo Dália. S.P.: UNESP, 1991.

²² LE GOFF, Jacques. História: Novos Problemas . Op. cit. p.13.

apresentava uma discussão a respeito do fundador de Itajaí, senti a possibilidade de viver uma nova experiência. Daí, o tema “historiografia” para trabalhar não está relacionado a modismos da produção histórica.

E ao retornar ao passado, mesmo que não muito distante, pois mais contemporâneo, já não se encontra tudo em ordem. O que há são apenas familiaridades. Ao tocar no que era familiar, encontramos uma nova direção.

Para finalizar, citam-se palavras de Jim Sharpe, quando diz que *“qualquer tipo de história se beneficia de uma abertura no pensamento do historiador que a está escrevendo.”*²³

²³ SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter (Org). A Escrita da História. São Paulo: UNESP, 1992. p. 54.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Uma cidade, Itajaí...uma história.

1- *"A fundação do futuro povoado de Itajaí deve-se, assim, atribuir a Vasconcelos de Drummond, por ter este realizado a primeira obra de posse, construindo o primeiro barco oceânico, a sumaca S. Domingos Lourenço e montando o primeiro engenho de serrar madeira, utilizando para tal fim um dos maiores ribeirões que desembocava no rio. Talvez fosse o afluente antigamente chamado de preta Caetana e hoje conhecido como da Fluvial. Com o barco ele deixou ainda assinalado uma indústria, a da carpintaria da ribeira, que tornou conhecido o nome de Itajaí. Muitos navios construídos nos estaleiros de Itajaí ainda navegam hoje em dia. Com a exportação da primeira madeira para o Rio, encetou-se um comércio, o qual constitui até hoje a principal exportação do Vale do Itajaí. Estas duas obras - barco e madeira - foram, assim, os marcos primitivos da fundação de Itajaí."*²⁴

2- *"O Vale do Itajaí, o mais importante centro econômico e cultural de Santa Catarina, é também o mais florescente e o principal núcleo da colonização alemã em nosso Estado.*

Sua área de cerca de quinze mil quilômetros quadrados, compreendendo as terras banhadas pelos afluentes e braços que formam o maior rio do litoral catarinense - o Itajaí-Açu, com seus 196 km. de curso, se estende dos contrafortes das serras do Mar e Geral até o Oceano, tendo por escoadouro de sua riqueza o porto de Itajaí, na cidade do mesmo nome, cujo fundador oficial foi Antônio de Menezes Vasconcelos Drummond.

*Rezam as crônicas que, a fim de afastá-lo da Corte, por causa de sua intensa luta em prol da separação do Brasil da metrópole, foi-lhe dada pelo Ministro dos Negócios do Reino e Justiça, Thomas Antônio, a incumbência de colonizar o Itajaí, o que se tornava realidade em 1820 com a fundação, na embocadura desse rio, de uma povoação que recebeu o nome de S. S. Sacramento."*²⁵

3- *"Os acontecimentos que fazem a história que vamos contar se passaram nas terras do Itajaí. Terras que ficam às margens do Itajaí-açu, o maior rio das costas catarinenses. Formado da confluência de outros dois rios - o Itajaí do oeste e o Itajaí do Sul - ele atravessa o verde vale - aos saltos ou mansamente - e percorre 190 quilômetros de caminho até se lançar no Oceano Atlântico aqui em frente à nossa cidade (...). Estas terras, ao tempo em que começamos a contar a nossa história, eram cobertas de viçosas florestas de árvores altas e troncos grossos, da melhor qualidade como são o cedro, a canela, a peroba, o ariribá, a guaruba e o landrim (...). Os primeiros homens brancos que visitaram a região de Itajaí foram os faiscadores de ouro, atraídos pelas muitas histórias que falavam de fabulosas minas e de rios ricos do preciosos metal. Assim, João Dias de Arzão, primeiro morador das margens do Itajaí, quando em 1658 requereu ao Capitão-Mor da Vila de São Francisco do Sul uma sesmaria para aqui vir morar, tinha a intenção de explorar estas minas de ouro.*

*Destes moradores muito pouco se guardou a não ser alguns dos nomes e a vaga localização de suas terras."*²⁶

²⁴ KONDER, Marcos. A Pequena Pátria. Itajaí: Novidades, 1958. p.3.

²⁵ D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à História da Colonização Alemã no vale do Itajaí. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1950. p.7.

²⁶ D'ÁVILA, Edison. Pequena História de Itajaí. Itajaí: Prefeitura Municipal/Fundação Genésio Miranda Lins, 1982. Itajaí, 1982. p.18-19.

Estes três excertos, pertencem a historiadores de Itajaí. A proposta no decorrer deste primeiro capítulo, é apresentar essas obras e realizar uma reflexão historiográfica. Daí, perceber que na produção do conhecimento, pontuam visões denotando interesses que se relacionam com o lugar ocupado pelos seus autores, matrizes de produção do conhecimento e conformação de identidades, num jogo de qualificações e desqualificações.

Para que se pudesse reconhecer tais questões, foi preciso perceber o olhar de cada autor, como viam a cidade de Itajaí e, perceber o horizonte submerso a este olhar.

Lentes de aumento, coloridas, bifocais, rígidas, orgânicas. Enfim...cada historiador compõe o seu texto segundo o que informam seu olhar: seu compromisso, suas necessidades sua formação. Os textos revelam a visão de mundo do historiador, e é nesta reconstrução que se percebe o tempo histórico na produção histórica.

Para apresentar cada autor, entre outras particularidades e peculiaridades de cada obra, optou-se por mencionar a questão “fundação de Itajaí”. Esse foi um tema de discussão comum nas obras de historiadores locais, e como se poderá perceber, tem relevância para uma particular forma de escrever história, a história tradicional ou positivista e que possui seus fundamentos a partir de um local específico de produção histórica.

O primeiro excerto portanto, pertence a obra de Marcos Konder, intitulada *A Pequena Pátria*, publicada pela primeira vez no ano de 1920 e reeditada em 1958.

Marcos Konder, nascido em Itajaí, em 05 de janeiro de 1882, era filho de Marcos Konder, natural da Alemanha e de Adelaide Flores Konder. Faleceu em Itajaí em 05 de julho de 1962.²⁷ Muito cedo, teve que assumir os negócios da família dado o falecimento de seu pai, e logo a seguir, ingressou na vida pública como membro do Conselho Municipal no

²⁷ Ibidem. p. 95.

quatriênio de 1907 a 1911. Em 1914, foi eleito Superintendente Municipal (1915-1919) e reeleito para os 2 quatriênios seguintes, governando portanto até 1930.²⁸

Buscou promover Itajaí no cenário catarinense, construindo, reformando, remodelando, manifestando um discurso próprio do Partido Republicano Catarinense, PRC²⁹ procurando construir uma Itajaí política e imponente, ressaltando os feitos heróicos de desbravadores. Essas questões estão presentes no decorrer de toda a sua vida pública. Não apenas em suas ações, mas no discurso político, Marcos Konder, apresentava o que de mais comum havia em sua época conforme os ditames do Partido Republicano ao qual pertencia. Tencionando construir uma outra Itajaí, apresentava os moldes e as diretrizes, recheadas de idéias, representações, qualificações e desqualificações. A pesquisa realizada, permitiu ainda observar que tal discurso e prática política se assemelhavam ao dos governos de Rio de Janeiro e São Paulo no final do século passado e início deste, conforme análises realizadas por José Murilo de Carvalho, Nicolau Sevcenko e Iracy Galvão Sales.³⁰

O excerto seguinte pertence a obra de Max Tavares D'Amaral, *Contribuição à História da Colonização Alemã no Vale do Itajaí*, publicada em 1950. Nascido em Itajaí em 1906 e falecido em 1972, Max Tavares D'Amaral, dedicou-se ao jornalismo e à produção histórica regional e de Santa Catarina, tendo como temas específicos, a colonização alemã no Vale do Itajaí e no Estado de Santa Catarina.³¹

²⁸ Ibidem. p. 140-141.

²⁹ SALES, Iracy Galvão. op. cit. Esta autora nos permite visualizar com clareza os pormenores do pensamento e ação do Partido Republicano a partir de suas origens.

³⁰ Esta perspectiva é visível no período de Governo de Marcos Konder, como pude perceber em análise realizada anteriormente, perspectiva muito coerente com aquela apresentada por Sevcenko, José Murilo de Carvalho, e Iracy Galvão Sales, autores e obras citadas na introdução.

³¹ Estas informações foram cedidas pelo Museu Histórico de Itajaí, quando o mesmo realizou levantamento de obras de autores da história da cidade para exposição pública.

Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco, e exerceu a advocacia em Itajaí e Blumenau. No ano de 1945, passou a residir no Rio de Janeiro onde neste mesmo ano, foi eleito Deputado Federal Constituinte. Dedicou-se ainda ao jornalismo.

O terceiro texto apresentado pertence à obra de Edison d'Ávila, *Pequena história de Itajaí*, editada no ano de 1982. Edison d'Ávila nasceu em Itajaí em 1947, formou-se em Letras e fez pós-graduação em História, na Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo o título de mestre.

Foi Secretário Municipal de Educação e Cultura de Itajaí (1977 a 1983), Diretor da 13ª Coordenadoria Regional de Educação de Itajaí (1983 a 1987), membro da PROARTE de Itajaí, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica e da Associação Catarinense de Escritores.

Atualmente, é Presidente da Fundação Genésio Miranda Lins, mantenedora do Museu e Arquivo Histórico de Itajaí, e Secretário Municipal da Educação. É autor das seguintes obras: *Calendário Histórico de Itajaí* (1977), *Luiz Alves - Histórico de um município centenário* (1977), *Pequena História de Itajaí* (1982), e *Itajaí, o começo da história* (1996), entre outras.³²

O excerto da obra de Marcos Konder, *A Pequena Pátria*, remete ao tempo da fundação de Itajaí. Os detalhes apresentados revelam os aspectos geográficos da região, os

³² Estes dados foram gentilmente cedidos pela bibliotecária do Museu e Arquivo Histórico de Itajaí, Sra. Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork. Foram obtidos também a partir de uma pequena biografia realizada pelo próprio autor cedida pela mesma bibliotecária.

d'ÁVILA, Edison. A Revolução Federalista de 1893 em Itajaí. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, Arquivo Histórico de Itajaí, 1993.

d'ÁVILA, Edison e d'ÁVILA, Márcia. Festa e Tradições Populares de Itajaí. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins - 1994.

d'ÁVILA, Edison. Itajaí, o começo da história. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1996.

recursos naturais encontrados e, sobretudo, a que se atribui a glória desta obra de “fundação” de Itajaí. Ao atribuir a Vasconcelos de Drummond a alcunha de fundador da cidade, Marcos Konder pontua o que considera importante para que tal homenagem seja feita. Assim, ele cita que construir um grande barco, montar serraria, instalar uma indústria, compõem elementos que denotam progresso, desenvolvimento, redefinição de espaço e valorização deste e daqueles que o promovem. Trabalho, progresso, desenvolvimento são premissas que se podem perceber através dessa escolha. Pode-se assinalar, ainda, a forma de construir imagens de relacionamentos neste excerto. Observe: um homem, uma obra, algo novo, grande empreendimento, boa nova, um fato.

Sob uma visão de mundo concernente a certos informes teórico-metodológicos para perceber um tipo específico de história construída neste país, poder-se-ia dizer que tudo está no lugar.³³ O fato, o herói do fato, os elementos que constróem o fato. Ou seja, tem-se um acontecimento: a fundação de Itajaí e seu fundador.

O segundo excerto pertence à obra de Max Tavares de Amaral, *Contribuição à História da Colonização Alemã no vale do Itajaí*.³⁴ Ele relata a fundação de uma póvoa e os aspectos geográficos ganham importância fundamental, pois, pelo seu olhar possibilitaram o povoamento e crescimento econômico da região. Define como fundador oficial Drummond, que funda a póvoa e dá início ao aproveitamento econômico de uma região que, pelos seus aspectos geográficos, já se mostrava próspera. Daí a preocupação do autor em procurar identificar a importância da região não como uma nova póvoa apenas, mas como ponto de entrada para o estabelecimento de outros núcleos coloniais como a colonização alemã, e salienta a importância de um outro personagem, Agostinho Alves

³³ Refiro-me aqui ao positivismo e seus paradigmas, que serão discutidos no decorrer deste capítulo.

³⁴ D'AMARAL, Max Tavares do. Op. cit.

Ramos, que é chamado para “organizar e supervisionar esses núcleos”³⁵. O que contribui a seu favor, era o fato de ser, “possuidor de grandes extensões de terras às margens do Itajai-açu, já por volta de 1820.”³⁶

Enfim, novamente identifica-se a preocupação em mapear a região, demonstrar sua importância econômica, definir um fato, um herói para tal fato e uma peculiaridade: o herói e o fato crescem em importância como se todas as forças naturais contribuíssem para tal, e nenhum outro homem pode realizar tal feito, tomar tal atitude ou ter tal idéia. Também é possível identificarmos outra questão: a região como porta de entrada para imigração e aí a supervalorização de um outro grupo, os alemães, propulsores de progresso e desenvolvimento descaracterizando a população local que se compunha basicamente, de descendentes lusos-viceentistas.

O terceiro excerto, pertence à obra de Edison d'Ávila, *Pequena História de Itajai*, editado, no ano de 1982. Neste excerto, o autor preocupou-se em descrever detalhadamente a paisagem local, mas, não apenas os aspectos geográficos em si, mereceram sua atenção. Como também procurou relacioná-los, em especial à flora, como que procurando promover uma justificativa econômica para sua ocupação. Sua atenção portanto, parece estar voltada para o aproveitamento econômico, possibilidade de desenvolvimento e progresso. O que nos chama a atenção ainda, nesse excerto, é a preocupação do autor em citar a presença de moradores, homens brancos, que se estabeleceram e pouco tempo ficaram, e nada, nenhuma “grande obra”, nenhum “grande feito” poderia conceder a João Dias de Arzão, ou a qualquer outro de seus companheiros, a

³⁵ Idem.

³⁶ Ibidem. p. 7.

alcunha de fundador da cidade.³⁷ Questão essa que atribuirá indiretamente, nesta mesma obra, a Agostinho Alves Ramos a primazia da glória da fundação. Observe: *“Agostinho Alves Ramos fixou residência em Itajaí por volta de 1823. Ao seu trabalho comunitário devem-se as ações que culminaram com o surgimento da futura cidade de Itajaí: criação do curato, criação da primitiva capela; construção do cemitério, criação do Distrito do Rio Itajaí; criação da primeira escola pública e estabelecimento do primeiro distrito policial.”*³⁸

Contudo não desprezou a presença de Antônio Menezes Vasconcelos de Drummond, como se pode observar: *“Assim, quando o jovem diplomata Antônio Menezes Vasconcelos de Drummond manifestou ao amigo e Ministro de Dom João VI, Tomás Antônio de Vilanova Portugal, o desejo de estabelecer uma colônia naquelas terras, o ministro pensou unir o útil ao agradável (...) concedendo, em 5 de fevereiro de 1820, a autorização para estabelecer uma colônia...”*³⁹

Interessante é perceber as circunstâncias que trazem Drummond para Santa Catarina. Segundo esse autor, Drummond teria se envolvido em questões relativas à luta pela separação de Brasil de Portugal⁴⁰, apesar de ser filho de “tradicional família do Rio de Janeiro”. Daí a ele foi “aconselhado” que se afastasse do Rio de Janeiro por algum tempo. Assim, em “licença”, decidiu visitar Santa Catarina e aqui tomou conhecimento das terras do Vale do Itajaí “ainda sem benfeitorias”, decidindo colonizá-las, permissão então concedida e

³⁷ Alexandre José de Azevedo Leão Coutinho, José Coelho da Rocha, José Correia de Negreiros, Silvestre Nunes Leal Corrêa, Matias Dias de Arzão, estes eram os outros homens brancos que se estabeleceram em Itajaí para explorar ouro, mas segundo o autor citado, não permaneceram. D’AVILA, Edison. Op. cit. 18.

³⁸ D’AVILA, Edison. Op. cit. p.88.

³⁹ Ibidem. p. 23.

⁴⁰ Esta questão foi citada pela grande maioria dos autores que escreveram a história de Itajaí.

que levou a termo até seu retorno para o Rio de Janeiro, a mando do Rei em 26 de Fevereiro de 1821.

Após se apresentarem essas questões, faz-se necessário tecer algumas considerações que levem a compreender a historiografia local, em sua forma, seus pressupostos teóricos e como se constituiu historicamente.

Os autores citados até o momento, apresentam nas suas obras, características de uma escrita histórica cujas origens estão ligadas a um espaço específico de produção de conhecimento. Esse espaço privilegiado de produção do conhecimento histórico, são os institutos históricos e geográficos que, criados a partir do final do século passado, possuíam a intenção de criar uma cronologia para a história do país, montar uma nomenclatura própria e promover a elaboração de uma agenda com personagens e fatos, de cujas proposições poucos dos muitos historiadores se libertaram. Buscando ordem e encadeamento dos fatos, esses profissionais se comprometeram com a construção de uma história nacional e, tendo o presente em mira, forjavam o passado em tradição. Em consequência, os eventos políticos passaram a dominar o conteúdo das narrativas, identificando esta forma de escrever história como “história política” e também como “história tradicional”.⁴¹

Tendo como centro irradiador o Rio de Janeiro, as concepções defendidas pelo Instituto Histórico e Geográfico se espalham por todo o país através de seus congêneres, fundados nos diversos estados brasileiros. Faz-se necessário realizar algumas considerações a respeito desse Instituto como também sobre o que se torna para nós, fundamental: as

⁴¹ Muito já se tem questionado o escrito a respeito da historiografia tida como tradicional. Podemos citar BURKE, Peter. A Escrita da História. São Paulo: UNESP; 1992. FELIX, Loiva Antero. A História Política Hoje: Novas Abordagens. Texto apresentado no VI Encontro Estadual de História, xerox. Florianópolis, 1996.

bases do pensamento dos membros desses institutos e assim poder marcar a presença desses pressupostos na historiografia regional e local especificamente.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi criado em 1838⁴² com o objetivo de escrever a história do Brasil, tendo surgido no interior da corte, cuja composição denunciava a origem social de seus membros - se não se constituíam uma elite com forte poder econômico e status, alguns membros faziam um discurso compatível com os interesses do governo imperial⁴³, possuindo ligações com a aristocracia agrária e o Estado monárquico.

Coube ao IHGB, dar início à escrita da “nossa história”, elaborar uma história da nação. Essa questão, não era uma especificidade brasileira, mas discutia-se desde o século XIX na Europa, ganhando espaço nas universidades e definindo-se como ciência. Escrever a história da nação, pressupunha forjar uma tradição, criando mitos de origem, fundamentando historicamente um projeto nacional e criando representações. Soma-se a isso a estreita relação com a política centralizadora daquele período, com a qual estavam identificados os historiadores que começam a sentir dificuldades estruturais já no início, pois não possuíam nem tradição interna a que se filiassem, tampouco a definição clara de um padrão explicativo que resultasse em uma “*história bem organizada*”.⁴⁴ Acabaram por iniciar realizando trabalhos do tipo relatórios, anais e memórias.⁴⁵

⁴² GOMES, Angela Maria de Castro. História e historiadores. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.16.

⁴³ SERPA, Élio Cantalício. História da História do Povoamento Catarinense: a busca da identidade, Departamento de História, Florianópolis: UFSC. (mimeografia).

⁴⁴ SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história. IN: Letras de Fundação: Varnhagem e Alencar - Projetos de narrativa institute (Este artigo é uma adaptação de um dos capítulos da dissertação de mestrado, orientado pelo professor Dr. Nicolau Sevcenko); História Social - FFLCH/USP-SP: USP, 1992 IN: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo. ANPU H/Marco Zero, vol.13, n 13, nº 25/26, Setembro 92, agosto 93. p. 67. Este autor realiza um trabalho de investigação que nos permite aprender todo este momento de discussão dos rumos e nortes teórico-metodológico que o Instituto vai tomando.

Assim, a “*sinopse histórica*”⁴⁶ parecia a alternativa inicial, uma vez que permitia uma rápida compilação de dados, possibilitando a organização de um panorama da história “*como processo finito e compreensível.*”⁴⁷

Formava-se a noção de uma história que “*forjava a idéia de um processo histórico linear (...)*”⁴⁸ marcando aquilo que será outra característica, o da neutralidade científica, visto que aí o autor não interferirá nesse processo e construção da história.

A definição de um espaço privilegiado para dar início à escrita da história desse país, construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos, reunir dados e compilar documentos que permitissem esta história ser construída não apenas a nível nacional, mas regional e local, promove a difusão dos institutos históricos, e, Santa Catarina, passará também a ter este espaço que se tornará referencial para a organização e a construção da história a nível local.

A criação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina deu-se nos últimos anos do século XIX, num contexto marcado pela permanência de resquícios da Revolução Federalista de 1893, e pelo discurso da organização administrativa e modernização da capital do Estado, empreendida pelo governo de Hercílio Pedro da Luz. Sua diretoria e demais membros era composta por agentes ligados ao poder ou próximos a ele. É na definição de seus objetivos, que se identifica a ligação com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sediado no Rio de Janeiro e outros como o de São Paulo e Rio

Convém lembrar ainda que esta discussão aparece no texto de Lilia Moritz Schwarcz - O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

⁴⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. Op. cit

⁴⁶ Ibidem. p. 69.

⁴⁷ Ibidem. Idem.

⁴⁸ Ibidem. Idem.

Grande do Sul. Observe: “*coligir, organizar, redigir e publicar todos os dados existentes e necessários para a elaboração da história e da geografia do Estado*”⁴⁹ e ainda:

*“recolher e disciplinar os elementos dispersos que por aí fazem e que muito concorrerão para a documentação da história e da geografia desta terra, cujas gêneses vagueia ainda envolta em trevas, e onde se elaborará toda a vida de nossa individualidade social através das idades.”*⁵⁰

Evidencia-se uma preocupação com a geografia da terra catarinense, uma postura de defesa do regional e com ela uma preocupação com a construção de uma memória oportunizando o aparecimento de fatos e heróis fundantes, e mitos de origem, constituindo-se, portanto, em elementos para a História de Santa Catarina.

Essa mentalidade, que compõe a primeira fase da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, como afirma Élio Cantalício Serpa, “*denota o interesse em criar todo um imaginário em torno da identidade catarinense.*”⁵¹ Assim, os membros do Instituto e seus seguidores, constróem um discurso cujo propósito era a criação de uma memória de heróis e mitos.⁵²

A partir dos elementos citados, pode-se discernir algumas questões presentes nos textos dos autores locais mencionamos até aqui, questões que dizem respeito `a forma de escrita histórica e `as suas origens a questões do tipo: identidade, e particularmente, em

⁴⁹ SERPA, Élio Cantalício. História da História do Povoamento Catarinense: a busca da identidade. Departamento de História. Florianópolis: UFSC. mimeografado. (sem paginação)

⁵⁰ CORRÊA, Carlos Humberto. Restauração Republicana e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Diário de Cultura. Diário Catarinense. 05/ 1994, p.2. APUD: SERPA, Élio. Op. cit .

⁵¹ SERPA, Élio Cantalício. Op. cit.

⁵² Ibidem. Idem.

torno do tema “*fundação*”⁵³, elaborado sob a rubrica de forjar a paternidade e criar mitos fundantes.

A criação desses mitos⁵⁴ ou heróis, está diretamente associada as relações que o homem faz com o seu mundo. Nesse meio, onde a ação é real, um meio onde as ações e discursos do homem são conflitantes, se produzem histórias da mesma maneira como se produzem coisas, objetos. E as histórias, acabam por criar mitos e heróis, que passam a fazer parte de um mundo vivo. Documentos, monumentos e outros objetos são registros dessas histórias e sendo assim falam, marcam, registram a presença do herói, do mito erigido no seu interior. Assim, o mito da fundação é resultado da ação e do discurso que envolve as relações humanas, criação de um sentido para uma realidade viva e que sobre uma teia de relações já existente, estabelece um novo início e nele imprime suas consequências imediatas. Na criação desses mitos e heróis, a história registra e identifica sujeitos como autores únicos de um processo histórico, de um ato heróico, de uma esfera de acontecimentos reais isolando-os, muitas vezes tornando-os sujeitos individuais, únicos, míticos pois é a história que os põe em evidência, forjando-lhes uma unidade e uma identidade.

A constituição de fatos e heróis fundantes, de mitos de origem, que justificassem a “existência” de um passado nacional coeso e único, permitia, pelas mãos dos membros do instituto, construir uma história nacional que fosse formadora de uma mentalidade progressista, com um destino traçado previamente e sob uma trajetória retilínea. Daí a

⁵³ Aqui ressaltaria a idéia defendida por Hannah Arendt de que o mito da fundação busca conceber uma autoridade destinada a simbolizar grandiosidades de uma civilização, ou processo civilizador. IN: ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

⁵⁴ ARENDT, Hannah. A Condição Humana. C. ed. R.J.: Forense Universitária, 1993.

necessidade de fundadores, descobridores, líderes que são exaltados pelo ato de “descobrir”, “começar”, “iniciar uma história”, forjando um passado e o mito da fundação.

Viu-se que fundação é o tema em torno do qual os “*historiadores*” de Itajaí discutem. Buscam definir quem é o herói fundante, e o tema e os elementos ligados ao político e ao econômico parecem definir porque um personagem é melhor que o outro. Assim, se está diante de um tipo específico de história, ou melhor, de escrever história, que é tida como história oficial, história positivista, história marcada pelo político, a história tradicional. A história que constrói o Estado-Nação.

A denominação “*história nacional*”⁵⁵ tem suas origens na forma como se evidenciou essa escrita da história, no final do século XIX. Ou seja, preocupada com o nacionalismo, sentimento que surgia com força acentuada nesse período, centrava sua narrativa na exaltação do líder, do chefe político⁵⁶, cujos feitos cabiam para exaltar a nação, pois deveriam colocá-lo como modelo a ser seguido; era o herói, cuja bravura e poder davam a dimensão do que era ou deveria ser o Estado Nacional. Desta forma, seus discursos, ações, sua vida privada, todos os seus dias, carregam a marca da tarefa de construção do Estado e da nação. Pensada dessa forma, a escrita da história usa como fontes o próprio herói, utilizando os arquivos e registros de seu governo, ditos oficiais. Daí utilizar-se a denominação “história política”, para essa forma de escrever história. Não fica difícil perceber o porquê.

Essa história política, através de seu discurso, legitima e concede sustentáculo ideológico para as classes que exercem o poder. Como nos lembra Michel de Certeau, “*ele*

⁵⁵ BURKE, Peter (Org) Op. cit. p.7.

⁵⁶ Poderíamos lembrar, aqui a pessoa de Marcos Konder e relembrar os dados apresentados anteriormente a seu respeito.

*a provê de uma genealogia familiar, política ou moral, dá crédito à utilidade presente do príncipe quando a transforma em “valores” que organizam a representação do passado.”*⁵⁷

Aos poucos, essa história do político vai encaminhando mudanças no seu interior, abandona a posição de salvaguarda do poder inacessível do “sujeito-herói” e passa a ganhar contornos mais definidos, que partem da preocupação central de justapor opostos - o sujeito e a ação. Num primeiro momento, pudemos perceber que a legitimação do poder político ligado ao sujeito, concerne seu elemento principal. Nessa visão, faz-se desse sujeito o “sujeito da ação”⁵⁸ rodeando-o de uma capacidade que a ele seria inata pelo poder que exerce - o fazer história. O historiador, portanto, é aquele que pode apenas fazer história, e o herói é quem faz a história.⁵⁹

A história política, ou história narrativa, como também ficou conhecida, por narrar os eventos políticos -, passou a receber outra denominação: história positivista ou “narrativa histórica positivista.”⁶⁰ Nos seus escritos, a autora Loiva Antero Felix mostra que a história positivista tem no passado o seu repouso, porque entende-se que a “*história só nasce para uma época quando está completamente morta.*” O que tornava a tarefa do historiador tanto mais simples, pois, ao construir sua verdade, sua história, os documentos relativos aos acontecimentos, permitiam a construção de “*atos únicos, cujo encadeamento ele identificava através de causalidade.*” O passado tornava-se inofensivo e o “*historiador o grande ordenador do acontecimento*” onde “o presente, dominado pela tirania do acontecimento, foi proibido de residir na história, pois ficou entendido que a história seria construída sobre o acontecimento”⁶¹.

⁵⁷ CERTEAU, Michel. Op. cit. p.18-19.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Ibidem. Idem.

⁶⁰ FÉLIX, Loiva Antero. Op. cit. p.8

⁶¹ Idem.

A tradição, a continuidade, a linearidade num processo de pensar e construir a história, o progresso e a imutabilidade na constituição do pensar o poder, o envolvimento do social, o todo e as partes, envoltas num só elemento, caracterizam a história tradicional, ou ainda, a história factual.

Nesta forma de escrever história, o sujeito histórico passa a se encontrar dentro de uma delimitação, é sujeito enquanto humanidade, e nos dizeres de Loiva Antero Félix: *“humanidade enquanto meta-relato onde a liberdade e a igualdade viviam pelo impulso de um progresso processual, gerando a crença no progresso indefinido, contínuo.”*⁶²

Fica evidente também nessa escritura, a importância dada ao “acontecimento” ou “fato” e quanto a isso Paul Veyne afirma que é a narrativa desses acontecimentos que constitui o elemento dessa história⁶³. Ao promover a construção desse estilo de narrativa, o historiador não pode abarcá-la em seu todo, mas deter-se em vislumbrar uma parte. É o caminho que o historiador percorre ao ler as suas fontes, reconstruir a história, tocar naqueles que são os objetos essenciais de seu trabalho, os documentos, o que poderá conferir superioridade ou não ao fato, ao herói, ao acontecimento.

A história tradicional privilegiou o acontecimento. Não se apercebiam do que ficava à margem dele, o não-acontecimental, aquilo onde não se pode perceber os limites.⁶⁴

Paul Veyne vê a necessidade de perceber que aquilo que foi eleito pela história tradicional como história, o acontecimento, deixa de ser o fio condutor do entendimento histórico, e entra em cena o não-acontecimento, ou seja, todos os fatos da vida cotidiana do

⁶² Ibidem. p. 9.

⁶³ VAYNE, Paul. Op. cit. p. 14.

⁶⁴ Ibidem. p. 30.

homem, que permitem visualizar que ele está presente, que aconteceu, que se realiza, através de vestígios de sua ação.⁶⁵

Retornando a Itajaí e para fechar a questão de sua fundação, apresenta-se no presente estudo, a historiografia local que através do enfoque teórico-metodológico até aqui discutido articula a definição de um fundador.

A historiografia local articula as narrativas da fundação exaltando, através dos heróis desbravadores, os fatos que enaltecem a terra cuja identidade precisava ser construída. Evidentemente, “os homens” do Instituto Histórico Geográfico não estavam destituídos de intencionalidades quando elegeram como heróis, aqueles que pudessem melhor representá-los e nas entrelinhas do “não dito” se pudesse, também, assemelhar os feitos benéficos desses heróis a seus próprios feitos; já que ambos provinham de um mesmo substrato social

A princípio é bom esclarecer que todos os termos definem a mesma coisa, ou uma mesma forma de escrever história, uma forma de construir conhecimento, a “verdade” sobre um fato.⁶⁶ Caracterizam uma história cujos pressupostos teóricos baseiam-se nas idéias de Leopold Van Ranke⁶⁷ que, ligada à idéia de processo defendia que “*a tarefa do historiador era apresentar aos leitores os fatos*”, como eles “*aconteceram*.”⁶⁸ Era esta a chamada “objetividade histórica” e a busca da “verdade” em história.

Influenciados por esse paradigma, os homens de letras “*dos institutos*” preocuparam-se em traçar biografias da nação. Essa narrativa, presente nas obras dos

⁶⁵ Ibidem. p. 34.

⁶⁶ FOCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e outros. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC Série Letras e Artes - 6/74 Cadernos nº 16/1979 p. 5.21

⁶⁷ BURKE, Peter. A Abertura. A nova História, seu passado e seu futuro. IN: BURKE, Peter (Org) *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo. UNESP, 1992. p.15.

⁶⁸ Ibidem. Idem.

autores de Itajaí, constitui-se em uma poderosa estratégia “*minimétrica capaz de ressuscitar a realidade do passado, de fazê-lo acessível através da percepção direta das fontes.*”⁶⁹

A “*sinopse histórica*”⁷⁰, parece ter sido a alternativa inicial dos autores itajaienses, uma vez que satisfazia a necessidade de apresentarem a Itajaí uma história que não existia até então e reuniam duas outras características importantes desse tipo de história, a linearidade histórica e a narrativa factual.

Assim, a historiografia oficial, ao enaltecer as funções políticas e eleger como “fundadores” personagens com destaque político, estava legitimando uma classe em detrimento de outras, e ao mesmo tempo, colocando-se como pares da classe privilegiada.

Ilustra-se ainda essas questões com outro autor itajaiense, João Pery Brandão, nascido em Itajaí em 1908, cuja obra “*Itajaí que eu vi*”, trata-se de um livro de memórias escritas em 1982. Enquanto fontes documentais, Brandão utilizou artigos escritos por seu pai Nemésio Heusi⁷¹ publicados semanalmente no “*Jornal do Povo*”⁷². Esse autor também realiza a discussão a respeito da fundação, e, foi justamente a leitura de seus escritos que suscitou a perspectiva deste trabalho.

Logo no início de suas memórias no livro, “*Itajaí que eu vi*”, João Peri Brandão começa a questionar o nome do fundador, e o faz a partir da “*veracidade*” ou “*validade*”, da obra de Konder, *A Pequena Pátria* (1920, 1ª edição)⁷³ e da obra de D’Ávila, *Pequena História de Itajaí* (1982)⁷⁴. O debate não é uma discussão historiográfica, teórico-

⁶⁹ SCHAPOCHNIK, Nelson. Op. cit. p.73

⁷⁰ Ibidem. p. 69.

⁷¹ HEUSI, Nemésio. Nasceu em Itajaí em 1909, onde dedicou-se ao jornalismo. Escreveu duas obras: *História Romanceada de Blumenau e do seu fundador* em 1981, e, *Fundação de Itajaí, sua história, seu romance*, em 1983.

⁷² HEUSI, Nemésio. A Fundação de Itajaí, sua história, seu romance. Itajaí, *Jornal do Povo*, 1982. (artigo publicado semanalmente).

⁷³ KONDER, Marcos. *A Pequena Pátria*. Itajaí: 2ª edição, revista e ampliada. 1958, (a primeira edição é de 1920).

⁷⁴ d’Ávila, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1982.

metodológico. A questão central é quem teria sido realmente o “fundador”. A pretensão de Brandão é desfazer equívocos e a partir de outros documentos, discutir a questão.

João Pery Brandão, quando começa a discutir o assunto no seu texto, diz: “*havia uma dúvida em torno do nome do fundador de Itajaí...*”⁷⁵ Dúvida que não identifica de quem parte, onde ela começa, vai apenas argumentando através da análise de “documentos oficiais”, onde chama a atenção para atos da política pública para caracterizar o erro. Observe:

*“...se Marcos Konder se apoiasse nesse aviso de 05 de fevereiro de 1820, de Tomás Antônio de Vila Nova Portugal ao Exmo. Sr. Antônio de Vasconcelos Drummond e marcasse o dia 05 de fevereiro de 1920, como o dia do centenário de Itajaí, e fizesse uma exposição de motivos, relatando os fatos históricos à Câmara Municipal pedindo a sua aprovação e a câmara na sua soberania aprovasse, jamais surgiria alguém para contestá-lo.”*⁷⁶

A argumentação de Brandão estava baseada no fato de Marcos Konder não ter observado nos documentos⁷⁷ e mapas as terras destinadas a Drummond. Brandão observa esses mapas, para não incorrer no mesmo erro e apresentar a “*verdade*”⁷⁸.

⁷⁵ BRANDÃO, Op. cit. p.3

⁷⁶ JORNAL DO POVO, 20.03.1982. IN: BRANDÃO, Op. cit. p.3.

⁷⁷ SILVA, José Ferreira da. As Terras do Itajaí-mirim e Vasconcelos de Drummond. Publicação da “Blumenau em Cadernos” Tomo VI Blumenau: 1963. n4. Este historiador da região de Blumenau fundou a revista “Blumenau em Cadernos”, e nela deu publicidade a inúmeros documentos a respeito da colonização do Vale do Itajaí, fossem imigrantes alemães, italianos ou outros. Neste trabalhos ainda será citado o trabalho Itajaí, a fundação e o fundador IN: **Blumenau em cadernos**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1967. Outras obras suas: O Padre Jacobs, A Colonização do Vale do Itajaí, O Doutor Blumenau, Calendário Blumenauense, Fritz Muller, Blumenau:relatório do Prefeito, Anita Garibaldi, O Catolicismo em Blumenau, Colônias para o Brasil, História de Blumenau, História do município de Penha, terra Catarinense, Cronografia do Dr. Blumenau, Blumenau Pequeno Guia Turístico, A Bandeira do Brasil, Otaviano Ramos.

⁷⁸ Grifo meu

A discordância entre o que é, ou o que deixa de ser “*realidade histórica*”, só acontece dentro de um contexto onde o que orienta a idéia é uma visão voltada para a construção de fatos que possuem um significado em si mesmos, ou seja, como se eles se explicassem. A história política constrói significados e informa ao conjunto da sociedade, esta soma de valores representados no político que acaba por dominar o social e o econômico. Portanto, a supremacia passa a ser do político, como já pontuamos e questões sociais, experiências do cotidiano, a cultura, etc, são elementos do passado que não se consegue articular.⁷⁹ Daí, os termos, história política, ou história tradicional, ou história positivista para designar esta forma de escrever história, que parte do princípio da existência de uma única e verdadeira história, a “*história filosófica*”⁸⁰.

Ao discutir sobre historiografia, Certeau nos leva a refletir o lugar do político na história hegeliana. Essa análise parte do pressuposto de um “*distanciamento da tradição e do corpo social*”⁸¹ onde o político é o ponto de apoio, o catalisante e o catalisador de todo o acontecer histórico, o que retira completamente o comprometimento com outras fontes, com outras categorias de análise sobre outros objetos que não seja o político.

Assim Certeau nos coloca a par da história escrita a partir de ações que partem de quem está no poder, o príncipe. É “*freqüentemente*” pelas mãos de “*juristas e magistrados*” que, a serviço daquele, fazem a vez de “*historiógrafos*” e a “*partir de um lugar privilegiado onde, para a utilidade do estado e do bem público, devem fazer concordar a veracidade da letra e a eficácia do poder.*”⁸²

⁷⁹ BURKE, Peter. Op. cit.

⁸⁰ CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa R. J., Difel/ Bertrand, 1990. p. 73.

⁸¹ CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Frense Universitária, 1982. p. 18.

⁸² Ibidem. Idem.

Essas questões estão presentes na forma de escrever dos autores de Itajaí, e mesmo sendo alguns destes escritos relativamente recentes, (década de 1980), foi possível perceber como ainda está presente essa corrente historiográfica e afora a discussão da fundação, outros elementos no interior dos textos, comprovam essa postura teórico-metodológica.

Voltando aos autores, em especial João Pery Brandão,⁸³ percebe-se que ele levanta a possibilidade de fazer uma “*contestação*”⁸⁴ à figura do fundador e complementa justificando porque não o fizeram, ele e d’Ávila, dizendo: “*por que todo itajaiense preza a sua história e dá valor ao homem que fincou a primeira bandeira como o fundador.*”⁸⁵ E, logo a seguir, cita:

*“Certo, portanto, está o Nemésio quando concita o povo de nossa terra para continuar a marcha interrompida, dando o dia 5 de fevereiro de 1820 como dia da fundação e Vasconcelos Drummond como fundador, para honrar e dignificar a memória de Marcos Konder, que tanto se empenhou em esclarecer essa dúvida.”*⁸⁶

Há, por parte de Nemésio Heusi, o compromisso de zelar pelos mesmos valores e idéias que endossam os nomes já apresentados. Ele não rompe, no que diz respeito à forma de escrever a história, com o tradicionalismo, com a preferência pelo fato, pelo acontecimento, pois seus escritos continuam a ser “*elitistas e qualitativos*”⁸⁷ como, também, não rompe com seus pares, seus iguais. E complementa: “*o importante foi que um decidido*

⁸³ BRANDÃO, João Pery. Op. cit. p.6.

⁸⁴ Ibidem. Idem.

⁸⁵ Ibidem. Idem..

⁸⁶ Ibidem. Idem.

⁸⁷ JULIARD, Jacques. APUD: FÉLIX, Loiva Antero. A História política hoje novas abordagens (texto apresentado no VI Encontro Estadual de História) Florianópolis: UFSC, 1986. (xerox)

*desbravador, chegou às margens do rio Itajaí e fundou a cidade em que vivi*⁸⁸, mesmo já tendo conhecimento que Vasconcelos de Drummond não aponte uma única vez sequer se fosse o Itajaí-mirim ou Açú.⁸⁹

Como se vê no excerto de Max Tavares d'Amaral⁹⁰, ele afirma a vaga de fundador oficial para Antônio Menezes Vasconcelos Drummond⁹¹, fundando uma povoação na embocadura do rio Itajaí em 1820, a qual em 1833 foi elevada à categoria de vila, mas Agostinho Alves Ramos conforme ele apresenta, "*honra muito mais a posição por iniciar um plano de colonização*".⁹²

E é exatamente para isso que se gostaria de chamar a atenção. Desmonta-se a preferência de um nome por outro, de Arzão para Drummond e desse para, finalmente, Agostinho Alves Ramos.

De concreto tem-se nessa produção historiográfica local, a definição de um homem que não apresentaria dificuldades em termos de explicar alguns valores tão defendidos e preservados pela história oficial. Um "nome", um "personagem" de "postura correta", alguém cujo "espírito inovador", para não falar da influência político-econômica, prestígio e respeito, pudesse levar as honras de fundador de Itajaí, este sim, um herói.

Encontra-se em outro trabalho de José Ferreira da Silva, *Itajaí, a fundação e o fundador* de 1967⁹³, a configuração do novo personagem, para a fundação da cidade, Agostinho Alves Ramos. José Ferreira da Silva, inicia fazendo uma crítica ao trabalho de

⁸⁸ BRANDÃO, João Pery. Op. cit. p.9

⁸⁹ SILVA, José Ferreira da. Op. cit.

⁹⁰ d'Amaral, Max Tavares. Op. cit. p.7.

⁹¹ Ibidem. p.7.

⁹² Ibidem p.7.

⁹³ SILVA, José Ferreira da. "Itajaí, a fundação e o fundador". Blumenau em Cadernos. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau., 1967.

Marcos Konder, *A pequena pátria*⁹⁴, e através da utilização das fontes históricas de seu trabalho citado anteriormente⁹⁵, apresenta o “rico comerciante”⁹⁶ Agostinho Alves Ramos.

A rigor, o que José Ferreira da Silva esclarece é a indefinição de Drummond quanto à fundação da “póvoa”, cabendo a este a “real” estada nestas terras como exilado, dado o seu envolvimento com atividades “revolucionárias” quando do movimento de sociedades secretas para libertação da colônia do jugo metropolitano.⁹⁷

Entretanto escritos posteriores de d’Ávila, referem-se a Drummond como “contador da chancelaria-mor e gozando da confiança do ministro, o jovem funcionário foi aconselhado a mudar de ares, em seis meses de licença, e decidiu visitar a Capitania da Ilha de Santa Catarina...”⁹⁸ Esta posição de d’Ávila num trabalho publicado em 1996, *Itajaí - o começo da história*⁹⁹, traz a questão Drummond sob um novo prisma, justificando a rápida saída deste das terras do Itajaí definidas pelas questões políticas da época, que exigiam a volta do rei a Portugal “...Drummond então resolveu suspender os trabalhos pois sabia que se acabaria o apoio do governo e retornou ao Rio de Janeiro”¹⁰⁰ e, para encerrar a discussão, faz suas as palavras de Drummond ao falar da prosperidade da colônia: “...não houve tempo nem meios de levar a cabo.”¹⁰¹

O antigo “herói” foi descoberto em situação que para o historiador, este que seleciona os fatos segundo sua subjetividade¹⁰², comprometia sua percepção de história e de

⁹⁴ KONDER, Marcos. Op. cit. Lembrar que a 1ª edição saiu em 1920 e a 2ª em 1958.

⁹⁵ SILVA, José Ferreira da. As Terras do Itajaí-mirim e Vasconcelos de Drummond. Tomo VI Blumenau em Cadernos. Tomo VI. Blumenau, 1963.

⁹⁶ CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Op. cit. p.213

⁹⁷ SILVA, José Ferreira da. Op. cit. p. 8.

⁹⁸ d’ÁVILA, Edison. Pequena História de Itajaí. Itajaí: Prefeitura Municipal, 1982.

⁹⁹ d’Ávila, Edison. Itajaí, o começo da história. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1996.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² LOPEZ, André P. A. Documento e História. IN: MALERBA, Jurandir. (Org.). A velha história: teoria, método e historiografia. Campinas, S.P. Papirus, 1986.

construção do social. Para a historiografia local seguindo os parâmetros aqui discutidos, o “fundador” tornou-se Agostinho Alves Ramos.

Os referenciais teórico-metodológicos da história factual positivista ou tradicional, estão presentes em cada texto analisado através do tema “fundação”. Os documentos escolhidos e o olhar com que o historiador se volta para eles, vêm carregados de subjetividade, pois a seleção realizada e os *“métodos de arranjo e descrição dos documentos são portadores de carga ideológica, e podem condicionar a construção de uma memória embaçada em elementos exógenos; podem, ainda, a despeito da seriedade e espírito crítico do historiador, proporcionar uma visão restrita da história”*¹⁰³

Essa historiografia local apresenta, ainda, outros elementos que a caracterizam nesta tendência historiográfica. Os autores discutem o nome da cidade, origens, toponímia, geografia física, localização das terras, nomes, datas e as fontes oficiais. Basicamente documentos escritos compõem a base da pesquisa, visando a objetividade e caracterizando, desse modo, o tradicionalismo, a narrativa histórica, a sucessão de fatos e acontecimentos, tudo relacionado à identificação de personagens que se quer enaltecer.

Fica evidente nessa discussão, a respeito do fundador entre “historiadores locais”,¹⁰⁴ a cristalização do saber, da verdade, a partir dos resultados provenientes de um “documento”. O que possibilitou a crítica por parte de um outro historiador, quanto ao nome do fundador, foi a identificação, em novos documentos, de dados que viabilizam mudar a “verdade”. Como o fez José Ferreira da Silva.¹⁰⁵

¹⁰³ Ibidem p. (20.)

¹⁰⁴ WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. IN: Revista Catarinense de História. Florianópolis: Terceiro Milênio, n2. p. 5-15. 1994. p. 9.

¹⁰⁵ SILVA, José Ferreira da. “As Terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond”. Blumenau em Cadernos Tomo VI - Blumenau. 1963 - nº 4.

Os fatos apontados, as personagens, a narrativa dos feitos e a importância dada aos indivíduos políticos como catalisadores do acontecer histórico, são marcas dessa forma historiográfica. Em nível local, existe ainda uma particularidade: a vida pública e privada das principais famílias da cidade.¹⁰⁶

Alguns outros escritos de historiadores locais podem demonstrar, ainda mais, a presença dos métodos historiográficos discutidos no decorrer do capítulo, e que serão apresentados por sugestão de orientação, transcrevendo-se até mesmo um relato de um viajante.

No século passado, 1845, Itajaí “já possuía 62 fogos, com 365 pessoas, entre nacionais e estrangeiros, havendo 21 engenhos de farinha de mandioca e 10 de cana de açúcar, 193 vacas e 108 bois.”¹⁰⁷ Nota-se a preocupação com números, quantidades e o que representam em termos de evolução e crescimento.

Itajaí, foz do rio Itajaí-açu, era local de entrada de imigrantes estrangeiros, em especial os alemães

“Esses colonos foram localizados na zona de Pocinhos e Belchior no atual município de Gaspar, fundamental com outros de origem lusa vindos da ilha. Muitas famílias existentes hoje nessa próspera comuna, como os Schimidt, os Zimmermann, os Handchen, os Wagner, os Lukas, os Spengler, descendem desses primeiros imigrantes e colonos teutos”¹⁰⁸

Observa-se aqui a preocupação em mostrar nomes de família como um sinal de prosperidade, poder e continuidade de tradição.

¹⁰⁶ WOLFF, Cristina Scheibe. Op. cit.

¹⁰⁷ SILVA, Zedra P. da. Op. cit. p. 4

¹⁰⁸ d'AMARAL, Max T, Op. cit. p.8

Observa-se ainda a preservação de valores pátrios e exaltação do herói como valores de nobreza:

“...todos estavam vivos quando Marcos Konder deu à lume a citação de Vasconcelos Drummond como fundador de Itajaí e jamais eu vi ou ouvi a mais leve contestação. Porque todo o itajaiense preza a sua história e dá valor ao homem que fincou a primeira bandeira como fundador.”¹⁰⁹

Grandes homens e seus feitos, exaltação social de líderes políticos e demonstração de seu poder e importância até mesmo após a morte.

“Agostinho Alves Ramos já não vivia. Morrera fazia anos. No entanto, a freguesia não sucumbira com ele. A liderança comunitária passara a um outro tenente-coronel da Guarda Nacional - José Henrique Flores - aqui estabelecido desde 1835 e proprietário de grandes extensões de terras no interior do vale.”¹¹⁰

E um viajante, Johann Jakob Von Tschudi.¹¹¹

“Um excelente bom prático, assim eu deveria fazer a tentativa. Chegando às primeiras moradias, devolvi ao proprietário de uma delas o cavalo com a ordem de os negros, em seu retorno, devolverem o animal e me deixei sentar num bote para a vila localizada em frente. Ela leva a extensa denominação de “Vila do Santíssimo Sacramento da Barra do Itajaí Grande” e, antigamente, era mui significativa, mas pelas colônias do

¹⁰⁹ BRANDÃO, João P. Op. cit. p.6

¹¹⁰ d'ÁVILA, Edson (1982) Op. cit. p. 34.

¹¹¹ TSCHUDI, Johann J. Von. As Colônias de Santa Catarina. 1861. Blumenau: CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

“Hinterland” tomou um rápido melhoramento e cresce, ano após ano, em importância.”¹¹²

Muitos outros escritos destes autores poderiam ser apresentados e discutidos, para ampliar a perspectiva historiográfica aqui enfocada. Evidentemente, esta discussão não se esgotará neste trabalho.

Finalizando, observa-se nestas coleções iniciais, que a história sobre a fundação de Itajaí manteve-se presa a narrativas preocupadas em desvendar “a verdade” sobre esse episódio. Verdade construída de acordo com os interesses de classes sociais que possuíam legitimidade para escrever a história da cidade. Esta legitimidade foi concedida pelo Instituto Histórico e Geográfico, que se tornou o aparato institucional através do qual brotou a história oficial de Itajaí.

¹¹² Ibidem. p. 42.

SEGUNDO CAPITULO

Um novo olhar, Itajaí... outras histórias.

1 - *“Tudo indica que, em Itajaí, os fatores culturais, possivelmente, tenham sido mais fortes que os econômicos, na direção das variações periódicas de casamento. Houve sempre uma grande diversidade de atividades econômicas, pesca, comércio, agricultura, construção naval, e é quase certo que nenhuma delas tenha preponderado ao ponto de prender a totalidade ou quase a totalidade da comunidade, a um único padrão de comportamento. É possível que o alto índice de casamento verificado nos meses de junho e julho tenha sido favorecido pelos lucros da safra da tainha começada em maio, somado à dispensa do homem do solo devido ao inverno. Setembro é o mês mais concorrido para o casamento. Não o era quando se casavam mais em agosto. Muitos dos noivos que estavam preparados para o casamento, esperavam passar o mês de agosto, o mês do agouro, e o faziam no mês de setembro, que além de tudo, é o início da primavera.*

Demonstrou-se, assim, que a população itajaiense acompanhou a lógica das teorias demográficas, saindo das entranhas do antigo regime, quando natalidade e mortalidade eram altas, arrastando, consigo, traumas e pesadelos psicológicos e evolui à busca de um estágio, onde os homens assumem atitude racional diante da vida e da morte, controlando seus impulsos e os impulsos da natureza, controlando o número de nascimentos e de morte também.”¹¹³

2- *“Para a construção naval de Itajaí, foi muito importante dispor de um mercado na região onde ela se desenvolveu. Por suas próprias características geográficas, a região sugeria o uso de embarcações. O desenvolvimento da região, transformou o mercado, que por sua vez gerou desafios exigindo que a construção naval também se transformasse.(...)*

A cidade de Itajaí, sede da construção naval que se estuda, está edificada na margem direita do rio Itajaí-açu, próximo da embocadura, em frente ao porto. Junto à foz deste rio, em fins do século XVII, já moravam umas poucas famílias, incluindo alguns carpinteiros de ribeira. A partir de 1823 apareceram as primeiras tentativas reais de colonização, por ocasião do estabelecimento de Agostinho Alves Ramos nas margens do rio, onde se encontra a cidade. (...)

O mercado local para a construção naval de Itajaí apresentou flutuações na procura de embarcações. Estas flutuações foram seguidas de perto pela resposta dos estaleiros. Estes, embora não tenham atendido totalmente, conseguiram satisfazer 78% da demanda do mercado. Mudanças na conjuntura nacional, provocadas por fatores externos à vida do país e as transformações do próprio mercado, foram as causas mais importantes das flutuações apresentadas pela demanda. (...)¹¹⁴

Apresentam-se esses outros trabalhos sobre a história de Itajaí, convidando o leitor a visualizar, através deles, um novo viés teórico na ordenação da construção das narrativas, como também, perceber a constituição de um novo espaço de produção histórica.

¹¹³ FLORES, Maria Bernardete Ramos. História Demográfica em Itajaí: uma população em transição (1866-1930). Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 1979. p. 147 e 171.

¹¹⁴ PEDRO, Joana Maria. O Desenvolvimento da Construção Naval em Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local - 1900 à 1950. Dissertação (Mestrado em História) Florianópolis, UFSC: 1979. p.16.

Aquele tipo de história apresentada no decorrer do primeiro capítulo, não deixou de existir, mas deixou de ter reconhecimento social e acadêmico, porque o lugar para a produção histórica mudou, e como ele, as relações sociais que fazem este novo local, ser o apropriado, o privilegiado e o reconhecido socialmente.

Os textos são parte dos trabalhos de dissertação de mestrado, das professoras Maria Bernardete Ramos Flores e Joana Maria Pedro, concluídos no ano de 1979, quando ambas pertenciam ao quadro de professores da FEPEVI¹¹⁵. Pode-se contemplar este histórico no decorrer deste capítulo.

O que permitiu a profissionalização das referidas professoras, proporcionando o aparecimento de novos trabalhos a respeito da história de Itajaí, trabalhos com temas inusitados até então para a historiografia local, foi justamente o incentivo dado pela instituição a partir das suas necessidades, e não das professoras ou da história local.

Como resultado, houve um acréscimo qualitativo do curso de história da instituição - FEPEVI - e a produção de outras histórias de Itajaí, centralizadas em outros objetos e referenciais que acrescentam à história local, textos com uma nova visão.

Pede-se licença para realizar ainda algumas considerações necessárias a respeito da referida instituição, pois ela teve um papel fundamental no processo de irradiação de novas tendências historiográficas em duplo sentido. Primeiramente, por possuir nos seus quadros de graduação o curso de História, promovendo, assim, o aparecimento de novos historiadores. Em segundo lugar, por possuir um discurso de incentivo à profissionalização do corpo docente, o que viabilizou a saída de professores para cursos de especialização e aprimoramento, propiciando, assim, o contato direto destes com as novas tendências

¹¹⁵ FEPEVI/ UNIVALI - Fundação de Ensino do Pólo-Geo Educacional do Vale do Itajaí, hoje Universidade do Vale do Itajaí. Conforme mostraremos, a instituição passou por transformações no seu regime.

historiográficas discutidas em outros locais. Ainda - o que poderia ser citado como um terceiro elemento - ocorreu a introdução de cursos de especialização na instituição, permitindo um contato direto com a produção histórica do restante do país e do exterior.

A Universidade do Vale do Itajaí tem sua origem ligada à necessidade de satisfazer em nível regional as aspirações referentes ao ensino superior. Assim, criaram-se condições favoráveis para que em muitas micro regiões do Estado de Santa Catarina, através de “*soluções locais e autônomas*”¹¹⁶ se tornasse possível concretizar o “sonho” de criar uma universidade.¹¹⁷ A cidade de Itajaí participou desta discussão em nível de microrregião da foz do rio Itajaí-açu, onde professores, estudantes, empresários e políticos, no final dos anos 50, envolveram-se nessa luta e, munidos do mesmo ideal, buscaram concretizar a fundação de uma universidade.

A batalha teve início com o movimento dos estudantes secundaristas de Itajaí que, reunidos em torno de uma entidade própria, criada em 1957, a UESI - União dos Estudantes secundaristas de Itajaí,¹¹⁸ passaram a envolver-se com problemas de outra natureza. “*Eram taxas escolares, meia entrada para cinemas, bolsas de estudos*”¹¹⁹ e ainda questões da política da época, que, como sabemos, eram anos agitados. Inflação, ideais socialistas, greves, a democracia.¹²⁰

Os estudantes secundaristas de Itajaí não estavam sozinhos. Munidos do mesmo interesse estavam outros, como os “*estudantes e professores da Escola Técnica de Comércio de Itajaí.*”¹²¹

¹¹⁶ d'ÁVILA. Edison, O público e o privado na fundação do Ensino Superior em Itajaí. (1962-1970) Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC 1995.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Ibidem. p. 55-56.

¹¹⁹ Ibidem. Idem.

¹²⁰ Ibidem. Idem.

¹²¹ Ibidem. p. 56.

O movimento ganha corpo quando a UESI, em 1964, iniciou uma campanha com o lema: *“Itajaí precisa de uma faculdade”*¹²². Ao divulgarem essa idéia utilizando-se de uma rádio local, a Rádio Difusora, no programa “A Voz do Estudante”, eles conseguiram sensibilizar diversos setores da cidade.¹²³

Neste momento, a resposta apareceu na figura do Professor José Medeiros Vieira que, em correspondência endereçada ao presidente da UESI, manifestou seu apoio ao movimento e declarou ser sua intenção, desde 1949, dotar a cidade de curso superior. Nessa correspondência, Medeiros Vieira *“historiava a sua iniciativa de fundação, em 15 de agosto de 1949, da associação educacional “Sociedade Professor Flávio Ferrari.”*¹²⁴ que esta seria o embrião daquilo que tanto almejava: criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Vale do Itajaí e a Faculdade de Direito.¹²⁵

Necessário esclarecer que não somente José Medeiros Vieira possuía intenção de dotar a cidade do ensino superior, pois a questão era compartilhada por seus colegas professores do Ginásio Industrial Presidente Nereu de Oliveira Ramos, onde era diretor¹²⁶ e que *“já em primeira reunião (...) no ano de 1962, (...) foi, então, pensado criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, também, a SIES, que seria a sociedade mantenedora.”*¹²⁷

Em 1964, foi fundada, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, cuja sociedade mantenedora era a SIES - Sociedade Itajaiense de Ensino Superior, presidida pelo Dr. José Medeiros Vieira¹²⁸, as quais foram

¹²² Ibidem. p.57.

¹²³ Ibidem. Idem.

¹²⁴ Ibidem. p. 57-58.

¹²⁵ Ibidem. p.58.

¹²⁶ Ibidem. p.59.

¹²⁷ Ibidem. p. 60.

¹²⁸ Ibidem. Idem. p. 60-65.

oficializadas como estabelecimentos municipais de ensino, em setembro de 1964, no governo do Prefeito Eduardo Canziani.¹²⁹

Através do parecer, manteria a Faculdade de Filosofia, logo no início, os seguintes cursos: Pedagogia, Letras, História e Geografia.¹³⁰ Logo após o parecer municipal para o funcionamento, começaram os preparativos para iniciar, em 1965, o primeiro ano letivo. Realizado o vestibular pela primeira vez, uma turma com o total de 6 alunos ingressou no curso de história.¹³¹ As aulas tiveram início no colégio Nereu Ramos e na antiga Casa das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.¹³²

Passados alguns anos e algumas dificuldades que não convém mencionar por não serem objeto deste estudo, foi aprovada em 1970, “a lei nº 1047, que instituiu a Fundação de Ensino do Pólo Geo Educacional do Vale do Itajaí - FEPEVI.”¹³³ e somente no ano de 1991, houve a criação da Universidade do Vale do Itajaí.¹³⁴ Foi, justamente, nesse processo de transição que ocorreram muitas mudanças internas na FEPEVI e evidenciou-se um crescimento quantitativo e qualitativo na instituição, rumo à Universidade do Vale do Itajaí. Reflexões e mudanças internas¹³⁵ permitiram o desenvolvimento de inúmeras atividades, entre elas a criação do centro de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão, em 1982. Este imediatamente iniciou sua atividade com a implantação de cursos de pós-graduação¹³⁶ com o objetivo de possibilitar a formação de pessoal especializado na região.¹³⁷ Ligado ao Centro

¹²⁹ Ibidem. p.11. Processo nº 124/68.

¹³⁰ Idem. p.24

¹³¹ Cadernos das Faculdades. Ano I - nº 2 Trimestral - 1992. Itajaí. UNIVALI, 1992. p.27

¹³² Cadernos das Faculdades. Ano II - nº 3 Trimestral - 1993. Itajaí, UNIVALI, 1993. p.9.

¹³³ d'ÁVILA, Edison. Op. cit. p.57.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Reflexões estas a saber: funções de uma universidade, fins, objetivos, uma reavaliação. Relatório final da comissão de acompanhamento para transformação em Universidade. Portaria nº 051 de 16 de fevereiro de 1989. p.22 Centro de Documentação Histórica e Memória Social. Itajaí - Univali.

¹³⁶ Relatório de Atividades - 1982. FEPEVI - 1982. Centro de Documentação Histórica e Memória Social. Itajaí - Univali. p.12.

¹³⁷ Idem.

de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão, foi criado o núcleo de Documentação e Informática em História¹³⁸ que, com o auxílio de alunos bolsistas, realizava atividades de pesquisa.¹³⁹

A respeito do Centro de pós-graduação, entrar-se-á ainda em maiores detalhes no decorrer do 3º capítulo, uma vez que a produção histórica daí decorrente, constitui o objeto da análise que segue a fase final deste trabalho.

A tarefa aqui é analisar os trabalhos de Maria Bernardete Ramos Flores e de Joana Maria Pedro, cujos trechos são apresentados no início deste capítulo, salientando que estes trabalhos buscaram abandonar os velhos paradigmas, numa caminhada, se não única, no mínimo singular, principalmente quanto à historiografia local, no período.

Muitos foram os historiadores que abandonaram os velhos paradigmas e iniciaram uma nova caminhada em todo o país, revendo as suas posturas teóricas como num processo de peregrinação, que deve ser considerado o marco final da década de 70 e o início dos anos 80.¹⁴⁰ Intensificou-se a saída de muitos deles de suas cidades, para realizar os cursos de pós-graduação na capital ou em outros Estados, coisa que ainda ocorre nos nossos dias - contudo, aqueles fizeram disso uma saída definitiva em busca de melhores condições de trabalho.

Nessa peregrinação, é importante mencionar uma questão em particular dada a sua singularidade: a dolorosa experiência desses historiadores no processo individual de

¹³⁸ Relatório Quadrienal - 1983/03 a 1985/03 FEPEVI - 1985.

Centro de Documentação Histórica e Memória Social Itajaí - Univali.

¹³⁹ Relatório Quadrienal - 1977/03 a 1981/03 FEPEVI - 1981.

Centro de Documentação Histórica, memória Social. Itajaí - Univali. Foi criado em 1980 o setor de pesquisa assistência ao Educando em 1980, possibilitando o surgimento de bolsas de trabalho e pesquisa na FEPEVI.

¹⁴⁰ FICO, Carlos & POLITO, Ronaldo. A História nos últimos 20 anos. IN: MALERBA, Jurandir. (Org.). A Velha história: teoria, método e historiografia. Campinas: São Paulo: Papirus, 1996.

transformação que envolveu, não apenas uma forma de escrever história, mas toda sua objetividade e subjetividade histórica.

A década de 70, na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, marca para os cursos de pós-graduação, a predominância de professores orientados, ainda, pela via positivista.

Essa questão foi lembrada pela Prof. Dra. Joana Maria Pedro, relatando que, na época em que realizou seu mestrado, “*a grande maioria dos professores do curso de pós-graduação da UFSC era positivista e nem o materialismo histórico se discutia.*”¹⁴¹ Mas também ocorreram inovações, em especial pela produção de obras “*de história econômica e demográfica baseadas no método quantitativo*”¹⁴², o que não deixava de ser um positivismo com nova roupagem.

Percebe-se nos trabalhos da Prof^a. Maria Bernardete Ramos Flores que outras problemáticas são introduzidas e estão ligadas, principalmente, à primeira fase da Escola dos Annales. Em seu trabalho sobre a historiografia no Brasil nos últimos 20 anos, Carlos Fico nos informa que “*temáticas e metodologias desenvolvidas na França nos anos 50 somente ingressaram no Brasil nos anos 70.*”¹⁴³ Como também, os trabalhos que se pautaram por essas novas orientações teórico-metodológicas surgiram a partir dos anos 80¹⁴⁴, em especial, como resultado dos cursos de pós-graduação, “*isto porque a quase totalidade da produção historiográfica brasileira efetiva-se nesses cursos (através de teses de doutoramento e*

¹⁴¹ Em meio as orientações, foram lembradas e discutidas estas questão.

¹⁴² DALLABRIDA, Norberto. A historiografia catarinense e a obra de Américo da Costa Souto. IN: Revista Catarinense de História, Florianópolis : n 4. p. 9 - 19. 1996.

¹⁴³ FICO, Carlos & POLITO, Ronaldo. Op. cit. p.191.

¹⁴⁴ *Ibidem*. *Idem*.

dissertações de mestrado) ou em torno deles (com os trabalhos gerados pelos professores que neles atuam).”¹⁴⁵

O primeiro excerto apresentado refere-se a um trabalho de mestrado, uma pesquisa sobre Itajaí, realizado por Maria Bernardete Ramos Flores, “História Demográfica em Itajaí”, abrangendo o período de 1866 a 1930.¹⁴⁶

Para realizar seu trabalho, Maria Bernardete Ramos Flores cercou-se dos referenciais teóricos da história demográfica como base de suas reflexões. Utilizando esse referencial, realiza um trabalho pioneiro para a história de Itajaí, um estudo demográfico. O que equivale dizer que, após inúmeros trabalhos positivistas, como citou-se anteriormente, despontava uma nova possibilidade, uma outra forma de construção do conhecimento de Itajaí.

A história demográfica tem seu aparecimento nos anos 50, na França, como resultado da explosão populacional mundial¹⁴⁷, e estava ligada às reflexões teóricas que partiam dos Annales.¹⁴⁸ No Brasil, entretanto, a influência na produção historiográfica vai ocorrer de forma mais concreta somente no final dos anos 70, juntamente com a história social, econômica e da cultura.¹⁴⁹ A história demográfica encaminhava uma reflexão que ligava diretamente os estudos de demografia à história social.¹⁵⁰ Essa mudança de interesse acabaria por conferir à demografia, uma universalidade anteriormente não pensada. Não

¹⁴⁵ Idem. p. 191. Nesta questão, o autor cita o aparecimento de opinião contrária citada por Fernando Novaes, em palestra proferida no início dos anos 80, mas somente publicada em 1990. Ver Fernando Novaes. “A Universidade e a pesquisa histórica: Apontamentos”. Estudos Avançados nº 8. S. P. Jan. Abr. 1990, vol. 4 pp. 108-115.

¹⁴⁶ FLORES, Maria Bernardete Ramos. História Demográfica em Itajaí. Uma população em transição (1866-0930) Dissertação (mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 1979.

¹⁴⁷ BURKE, Peter. A revolução Francesa da Historiografia. a escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: UNESP, 1992.

¹⁴⁸ Idem

¹⁴⁹ FICO, Carlos & POLITO, Ronald. Op. cit. p. 194.

¹⁵⁰ BURKE, Peter. Op. cit.

apenas os números e registros passam a contar a história, mas também a relevância destes na compreensão, no significado das mudanças que ocorrem numa região, num lugar, num determinado momento, relacionados à sua densidade populacional.

Outro traço particular aos trabalhos de demografia histórica, é o referencial teórico malthusiano, instrumental que passou a compor palavra de primeira ordem na reflexão para o entendimento das transformações operadas nas sociedades, principalmente, em análises da passagem do feudalismo para o capitalismo.

É em torno dessa questão, portanto, que se apoiavam os trabalhos de demografia, ocupados em perceber, para além da vida material, as transformações que ocorreram no interior da sociedade, no cotidiano, no particular, quando atingido pelas transformações impostas pela nova ordem capitalista. Observa-se no trabalho de Maria Bernardete Ramos Flores, como são pontuadas estas questões logo na introdução de seu estudo, onde a autora cita André Burguière: *“A passagem para uma demografia malthusiana é uma transformação que toda sociedade encontra, cedo ou tarde, no caminho da industrialização.”*¹⁵¹

Esse autor, pertencente ao grupo dos Annales, será tomado como suporte teórico para suas reflexões. Verifica-se, assim, a presença de referenciais da historiografia francesa, presentes no curso de mestrado que realizou a autora na UFSC¹⁵² e para produção histórica de Itajaí seu referencial teórico era inédito.

Completando ainda estas questões citadas, Maria Bernardete Ramos Flores declara em seu estudo, a intenção de “...constatar mudanças comportamentais na sociedade que

¹⁵¹ BURGUIÈRE, André. Demografia. IN: Lé Goff, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.70 Citado por Flores, Bernardete Ramos. op. cit. p.22.

¹⁵² A questão: formação, organização e desenvolvimento dos cursos de pós-graduação na UFSC, não busquei discutir por dilatar demais o meu tema, historiografia de Itajaí, contudo, entendo que esta questão poderia ser outro tema de pesquisa.

demarquem a evolução na transição de uma demografia tradicional - agrícola - para uma demografia moderna, industrial ou malthusiana”¹⁵³; e complementa “à história demográfica interessa estudar, não só as causas que concorrem para impulsionar estas transformações, mas também seu mecanismo, reconstituindo o quadro do comportamento das populações do passado, possibilitando a partir daí, a compreensão de outros aspectos da sua história.”¹⁵⁴

Assim, os trabalhos de demografia histórica objetivavam perceber essas transformações numa estreita ligação com o movimento de desenvolvimento industrial, ou seja, o capitalismo, como podemos evidenciar no trabalho de Maria Bernardete Ramos Flores: “*Não fora mera coincidência, o surgimento da história demográfica no momento pós-guerra, num momento em que ficou nitida a distância que separa os povos, do mundo desenvolvido daqueles que habitam o chamado terceiro mundo.*”¹⁵⁵

Seu estudo possibilita explicar essas diferenças, não do ponto de vista econômico puro e simples como percebia a via marxista, mas por transformações operadas em nível de crescimento econômico e elementos que contribuíram para tal. Elementos esses sedimentados na base teórica malthusiana, e que permitiram ir além e adentrar nos aspectos econômicos-culturais.

Objetivando demonstrar tais questões em sua pesquisa, Maria Bernardete Ramos Flores afirma: “*...não raras vezes, países do terceiro mundo esforçaram-se para introduzir na sociedade as práticas malthusianas, artificialmente, para apressar o desenvolvimento e deparam-se com resistências que demonstram que o fenômeno ultrapassa a técnica*

¹⁵³ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p.19.

¹⁵⁴ Ibidem. Idem.

¹⁵⁵ Ibidem. p. 24.

*demográfica, colocando em causa toda a armação cultural. A difusão dos métodos contraceptivos corresponde a uma atitude frente à vida”*¹⁵⁶

Há a possibilidade de se perceber nessas análises demográficas, algo além da apresentação numérica da composição populacional, ou seja, de adentrar na análise mais profunda do social. No entanto, são os historiadores dos Annales os primeiros a estarem realmente preocupados com essas questões, percebendo as atitudes do homem frente à vida, modificações que ele entende serem necessárias para garantir qualidade de vida, educação para os filhos, e o futuro.¹⁵⁷

Ainda, Maria Bernardete Ramos Flores levanta a questão da imigração: *“Em Itajaí, é possível que a transformação verificada num tempo ainda remoto, tenha sido provocada pela influência dos imigrantes que contribuíram, desde cedo, para a formação do povo itajaiense: embora fosse a maioria seguidora do catolicismo.”*¹⁵⁸

A presença do pensamento cristão, determinando e regulando os comportamentos dos indivíduos, tornou-se objeto de análise dos estudos demográficos, dada a estreita ligação com *“a armação cultural de uma sociedade”*¹⁵⁹ que freia ou impele o avanço demográfico e até mesmo a presença de práticas condenáveis frente à Igreja católica, como o *“coitus interruptus”*. Estas regras muitas vezes burladas, visíveis através da técnica demográfica, segundo Burguière, foram consideradas *“durante muito tempo pelos meios católicos como um ato de impiedade.”*¹⁶⁰

¹⁵⁶ Ibidem. Idem.

¹⁵⁷ Para a historiografia demográfica, o referencial de Thomas Malthus passa a ser importante. Entendem estes que a perspectiva de melhoria na qualidade de vida está diretamente ligada à redução do número de filhos, o que a traduz para os demógrafos em atitudes frente à vida.

¹⁵⁸ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p. 24.

¹⁵⁹ BURGUIÈRE, André. Op. cit. p. 71

¹⁶⁰ Idem.

Maria Bernardete Ramos Flores usou esse referencial malthusiano e a partir dele, conclui que *“de 1860 a 1930 a população de Itajai passou por uma transição demográfica, quando deixou de ser uma população tradicional agrícola e evoluiu para uma população urbana, moderna - malthusiana”*¹⁶¹ e constata que *“nesta transição a população :*

- 1- *começou a casar mais tarde;*
- 2- *reduziu o número de filhos por família de seis até quatro;*
- 3- *deixou de observar os períodos tradicionais para casar e conceber filhos;*
- 4- *sofreu um melhoramento em termos de mortalidade;”*¹⁶²

Justifica que: *“esta transição foi, em parte, influenciada pelos imigrantes que vieram com os seus diversos costumes. Devido à origem católica dos povos, em vez de limitar o tamanho da família por meio do aborto ou infanticídio, o fez através do casamento tardio, já presente em leis portuguesas desde o século dezesseis e pela abstenção do ato sexual. Com a queda da influência da Igreja, que acompanha a evolução da população, passaram a limitar o número de filhos por outros meios e casar em períodos outrora proscritos.”*¹⁶³

Em seu trabalho, a autora em discussão, irá apontar o declínio da imigração como fator da baixa nupcialidade e conseqüentemente como fator para a queda no *“coeficiente de crescimento populacional, de 3,8 em 1900 para 3,3 em 1920.”*¹⁶⁴

Os processos de migração são percebidos como elementos que contribuem e alteram os índices demográficos. E Maria Bernardete Ramos Flores aponta: *“A população*

¹⁶¹ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p. 60.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Ibidem. Idem.

¹⁶⁴ Ibidem. Idem.

da paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, objeto deste trabalho, no entanto, cresceu, assustadoramente, alheia às dificuldades e às crises econômicas em decorrência, principalmente, das ondas migratórias, vindas dos arredores, que, provavelmente enfrentavam crises em proporções bem maiores e permaneciam na pobreza e inanição, incapazes de superarem seus problemas”¹⁶⁵.

Expõe, ainda, que não é “não é de se estranhar, portanto, o número avançado de pessoas que vinham para Itajaí, naturalmente à procura de uma região que lhes oferecesse melhores condições de vida. E Itajaí lhes prometia esta oportunidade, já que o porto absorvia grande quantidade de mão-de-obra”¹⁶⁶. Vinham de “Penha, Piçarras, Barra Velha, Ilhota, Luís Alves, Gaspar, São João Batista, Camboriú e Brusque.”¹⁶⁷

O porto aqui aparece como um fator de atração de grande importância, particularizado como recurso de desenvolvimento econômico. A perspectiva que a historiadora Maria Bernardete Ramos Flores oferece é perceber o social, sua mobilização em torno de um fator, o demográfico que modifica hábitos e comportamentos sociais, como também acabará por influenciar as modificações em barreiras e estruturas de convenção social.

A presença de indivíduos, além dos primeiros moradores da cidade e seus descendentes, ficou constatada pelos registros de casamentos onde foram encontrados noivos de várias outras localidades. Observa-se que “a população itajaiense constitui uma mescla de etnias.”¹⁶⁸

¹⁶⁵ Ibidem. Idem.

¹⁶⁶ Ibidem. p. 69.

¹⁶⁷ Ibidem. p. 70.

¹⁶⁸ Ibidem. p. 78.

Ao analisar os casamentos, Maria Bernardete Ramos Flores informa a idade considerada ideal para se contrair o matrimônio e busca constatar se, *“de 1876 a 1930, houve uma tendência de aproximação do modelo europeu, ou ocorreu uma preocupação na orientação em limitar a prole através do casamento tardio proposto por Malthus.”*¹⁶⁹

Verifica-se que a autora se preocupa em orientar e analisar seus dados. Investiga diretamente o retardamento dos casamentos, sobre o qual Burguière nos lembra: *“o retardamento do casamento é o preço pago por uma emancipação.”*¹⁷⁰

As questões relativas ao casamento foram trabalhadas por vários estudiosos de demografia francesa que buscaram investigar os séculos XVII e XVIII. Segundo Burguière, as idades para o casamento encontraram períodos de elevação constante: *“o casamento tardio fora preparado por um dispositivo demográfico que, por seus prolongamentos efetivos, tornava-se uma verdadeira propedêutica da austeridade sexual”*¹⁷¹. E complementa: *“entre essa primeira forma de controle e o controle de nascimentos, é possível que o rigorismo religioso tenha desempenhado o papel de ligação ideológica”*.¹⁷²

Seguindo esses rastros na análise demográfica de Itajaí, Maria Bernardete Ramos Flores conclui: *“enquanto houve uma transformação nos costumes itajaienses, na idade das noivas, que passaram a retardar o casamento, o mesmo não se verificou entre os homens. Os homens sempre se casaram mais tarde que as mulheres, em média 5 anos, e não houve quase alteração nas idades do casamento, durante o período analisado.”*¹⁷³. Como foi evidenciado, a prática europeia influenciou para a concretização desses resultados.

¹⁶⁹ Ibidem. p.92.

¹⁷⁰ BURGUIÈRE, André. Op. cit. p.37.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Ibidem. Idem.

¹⁷³ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p.26.

Vê-se, inicialmente, que, para a prática da análise demográfica histórica, fica evidente a preocupação em perceber que os princípios malthusianos estavam latentes, como atestou Maria Bernardete Ramos Flores. Já se disse, anteriormente, ser objetivo desta análise histórica, descobrir questões econômicas e novas práticas mentais. É possível perceber isso quando Burguière apresenta o “*retardamento dos matrimônios*”¹⁷⁴ como prerrogativa do “*retardamento do estabelecimento*”¹⁷⁵ esse entendido enquanto bem-estar econômico e Burguière esclarece que pode ser vista a partir do século XV a:

*“Ecloração do casamento - estabelecido por duas maneiras: de um lado, pelas forças centrífugas, que viam no casamento um meio de dividir a autoridade e a propriedade; de outro, fornecendo o modelo unitário que podia garantir a autonomia e o estabelecimento do casal”*¹⁷⁶.

Maria Bernardete Ramos Flores apresenta em sua pesquisa como isso se deu em Itajaí:

“Em 65 anos , de 1866 a 1930, a população itajaiense percorre um longo caminho, na transformação demográfica, num ritmo bastante acelerado. Por certo, fatores de ordem econômica e social estavam atuando. É realmente considerável a transformação que se deu num período relativamente curto. A natalidade sofreu uma baixa de 52,8 para 30,2 por mil... a população itajaiense, pode, portanto, sem sombra de dúvida ser enquadrada entre as sociedades progressistas, onde a evolução rumo ao

¹⁷⁴ BURGUIÈRE, André. Op. cit. p.78

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Ibidem. Idem.

estágio de sociedade moderna ou industrial, dá-se num ritmo acelerado”.¹⁷⁷

A análise demográfica é o método de análise histórica utilizada no trabalho de Bernardete Ramos Flores, onde, parafraseando Jean Maria Pesez “*as massas silenciosas são colocadas em primeiro plano*”¹⁷⁸

Muitos foram os historiadores que caminharam pelas estradas da demografia, se não em construções partindo de seus pressupostos, ao menos em observações de estudos demográficos. Essa passagem teve um significado muito importante para o aprimoramento das análises históricas advindas do marxismo ou de outra corrente teórica, para encontrar-se a maturidade teórica necessária às análises históricas, as quais se abrem com as novas possibilidades da Nova História. Para exemplificar a questão, fala claramente Philippe Ariés ao discutir a respeito do surgimento de uma história da sexualidade, tema que parte de uma “*discussão de origem demográfica*”¹⁷⁹ quando esta se concentra em elementos atípicos: métodos anticoncepcionais, natalidade, esterilidade, etc. Daí se conclui que o olhar para as mesmas fontes é que passou a ser outro, mas partiu do interesse por elas, e:

*“Vemos nascer então dessa discussão de origem demográfica, uma história da sexualidade que se encontra em seus estágios iniciais. Sem dúvida, ela não existiria como a vemos hoje J. L. Flandrin, L. Stone e M. Foucault sem seu ancestral demográfico.”*¹⁸⁰

¹⁷⁷ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p. 109-110.

¹⁷⁸ PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material IN : LE GOFF, Jacques. A História nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 176-211.

¹⁷⁹ ARIÉS, Philippe. A História das Mentalidades. IN: LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 153-176.

¹⁸⁰ Idem.

Como se poderá perceber no terceiro capítulo, a história avança nos seus objetos de análise, e as fronteiras quanto ao material do historiador, praticamente se diluem. Na marca dos primeiros passos para essa transformação, está a história econômica e demográfica. Como esclarece Philippe Ariés, a *“ampliação da história além de suas antigas margens”* e, ao mesmo tempo, o retorno ao seu antigo domínio, que se imaginava bem explorado. *“o historiador relê hoje os documentos utilizados por seus predecessores, mas com um novo olhar e outro gabarito. Os temas freqüentados pelos primeiros foram os que eram preparados pela história econômica e demográfica: a vida do trabalho, a família, as idades da vida, a educação, o sexo, a morte, isto é, as zonas que se acham nas fronteiras do biológico e do mental, da natureza e da cultura. ... É o primeiro domínio conquistado pela história das mentalidades.”*¹⁸¹

A análise demográfica de Maria Bernardete Ramos Flores traz as marcas dos métodos franceses, *“resultado do trabalho conjunto de demógrafos e historiadores.”*¹⁸²

Essa influência pode ser percebida nas fontes que Maria Bernardete Ramos Flores utilizou: *“o estudo foi feito com base nos eventos vitais de casamento, batizados e óbitos que se encontram registrados com dados seguros a partir de 1866.”*¹⁸³

E “...procurou-se explorar fatores tais como: a tendência secular da natalidade e da mortalidade, a atitude da sociedade diante das implicações religiosas, o cuidado com os problemas de saúde demonstrando posição

¹⁸¹ Ibidem. Idem.

¹⁸² Louis Henry, por exemplo, que trabalhava no Institute National d'Études Demographiques (IND), transferiu, na década de 40, sua atenção dos estudos da população atual para a população do passado. Desenvolveu o método da “reconstituição familiar”, que vincula os registros de nascimento, casamentos e mortes, investigando uma região e um período, através do estudo de casos de famílias em Gênova, Normandia, e outras partes.

¹⁸³ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p.20.

racional diante da morte e a receptividade aos elementos migrantes, vistos como indicadores de evolução.”¹⁸⁴

Como nos mostra André Burguière “*a originalidade desse tratamento estatístico é integrar em seus cálculos, o que habitualmente não se mede, mas assegura a unidade dos comportamentos : as morais sexuais, as atitudes frente à vida.*”¹⁸⁵

Analisando casamentos tardios, redução do número da prole, contestação e modificação das regras morais da Igreja quanto a casamento e concepção, novas perspectivas se abrem para a construção da história de Itajaí.

Elaboram-se, assim, os primeiros passos na formação de uma análise histórica da cidade que rompe com o tradicional. Peter Burke nos diz que “*a história da população foi a segunda grande conquista da abordagem quantitativa, depois da história dos preços.*”¹⁸⁶

Enfatizada pela riqueza das fontes e possibilidades que elas abriram (ao contrário de quase todas as outras disciplinas históricas, que tiveram que armazenar grandes estoques de informações, familiarizando-se pouco a pouco com as fontes, antes de aperfeiçoar os seus métodos de análise), a demografia histórica encontrou, quase no mesmo tempo “*a mina que deveria assegurar o seu êxito, e um método rigoroso para exploração da mesma*”¹⁸⁷.

Essa orientação, que se enquadra nas formulações teóricas da segunda geração dos Annales, buscava nos estatutos demográficos, as possibilidades de uma explicação teórica mais ampla, que permitisse reagir contra o reducionismo econômico.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ BURGUIÈRE, André. Op. cit. p.79.

¹⁸⁶ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales - 1929 - 1889 a revolução da historiografia*. 2 ed. São Paulo: Editora Universidades Estadual Paulista, 1991.

¹⁸⁷ BURGUIÈRE, André. A Demografia IN: LE GOFF, Jacques. (Org) *História Novas Abordagens*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro : Alves, 1988.

Enquanto a história tradicional via a importância dos registros oficiais, dos registros proveniente de atos do governo, a história nova vai em busca de fontes que fossem dar uma maior visibilidade à vida humana, no seu cotidiano.

Os historiadores dos Annales fizeram uma revolução ao *“concentrarem seus enfoques no circuito das atividades, concepções, crenças, representações e práticas cotidianas de um coletivo anônimo e aparentemente banal, miudezas, enfim, que a historiografia tradicional não pretendia contemplar.”*¹⁸⁸ No dizer de LeGoff, *“a história nova ampliou o campo do documento histórico”*¹⁸⁹, de uma história *“fundamentada essencialmente nos textos, no documento escrito,”*¹⁹⁰ substituiu *“por uma baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documento de primeira ordem.”*¹⁹¹

Enfim, aquilo que o homem deixou por escrito, não é mais o único documento histórico. Outros são os materiais utilizados para compor o trabalho do historiador.

Nessas fontes, outra característica se apresenta significativa: o tratamento dado a elas, as fontes e o modelo de explicação histórica daí decorrentes. Enquanto na corrente positivista se percebe um dogmatismo, nessa outra, a pluralidade de possibilidades está dada

¹⁸⁸ BOTO, Carlota. Nova História e seus Velhos dilemas. IN: Revista USP - Dossiê Nova História n23 set/nov-1994.

¹⁸⁹ LE GOFF, Jacques. (Org.) trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Ibidem. Idem.

como fato concreto. E ao se respeitar essa pluralidade, não há como fechar a explicação histórica. Essa, portanto, é outra particularidade da Nova História.

Foi marcada, então, como recurso teórico, para os estudos históricos, a utilização da demografia e o uso de novas fontes. Como afirma Burquiére: “*é só depois da última guerra que se começa na França a pesquisar os arquivos das paróquias.*”¹⁹²

Pode-se tecer algumas considerações a respeito do trabalho de Maria Bernardete Ramos Flores para finalizar esta análise. Ele nos informa, em suas referências bibliográficas, trabalhos específicos para a metodologia em pesquisa demográfica. Podemos citar, como exemplo; Louis Henri - *Técnicas de análise em demografia Histórica* 1997¹⁹³, e André Burguiére.¹⁹⁴ Encontramos, ainda, trabalhos de economia¹⁹⁵ justificando a própria necessidade de estudar a demografia populacional, em meio a trabalhos históricos de Itajaí¹⁹⁶.

Tem-se, enfim, um trabalho que contribuiu de maneira significativa para a história de Itajaí. Não apenas pelos dados que fornece, pela demonstração de possibilidade de ocupar novas fontes, mas, principalmente - e aí está a sua singularidade - pelo olhar que a autora realiza sobre a cidade conferindo uma ampliação no horizonte do seu conhecimento histórico.

¹⁹² FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p.55.

¹⁹³ HENRY. Louis. *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*. Trad. de Altiva Pilatti Balhama e Jaime Antônio Cardoso. Curitiba: UFPR, 1977.

¹⁹⁴ BURQUIÉRE, André. A Demografia, IN: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. Op. cit.

¹⁹⁵ SANCHEWS-ALBORNOZ, Nicolas. *La Población de América Latina*. Madri, Alianza, 1973.

WRIGLEY, E. A. *História e Población*. Madri. Ed. Guadanama. S.A., 1969.

CIPOLLA, Carlos M. *História Econômica da População Mundial*. Zahar: Rio de Janeiro, 1977.

KULA, Witold. *Problemas y Métodos de La História Econômica*. 2ª ed. Península, Barcelona, 1974.

¹⁹⁶ A autora se utiliza dos textos analisados no decorrer do primeiro capítulo deste trabalho para compor o seu quadro histórico a respeito da cidade de Itajaí. Contudo, acrescenta suas reflexões à “fundação”, conforme mostraremos.

Assim, quanto à questão do “fundador” da cidade, Maria Bernardete Ramos Flores cita a querela que se apresenta entre autores de Itajaí. Mas através dos documentos apresentados¹⁹⁷, constrói uma nova perspectiva de análise:

*“Fundador é aquele que toma a si o encargo de líder na póvoa que vai surgindo de uma centralização de interesses convergindo todos para um único ponto, em torno do chefe o fundador, que passa a ser o administrador. Foi o que aconteceu a Agostinho Alves Ramos, em fins de 1823, quando chegou a Itajaí.”*¹⁹⁸

Percebe-se, através dessa fala, que houve uma mudança na perspectiva historiográfica sobre a história da fundação de Itajaí. Como podemos observar ainda:

“Estava assim fundada Itajaí por uma população luso-brasileira descendente de açorianos, de vicentistas e outros, não se podendo afirmar, neste trabalho, qual o grupo que tenha dominado na área. Nos referidos documentos de concessão de sesmarias consta que os requerentes moravam em Desterro. Sendo que Desterro recebeu afluxo de toda a sorte de gente, dos mais variados pontos do Brasil, torna-se difícil saber-se qual o grupo que estava deslocando-se para Itajaí.

*Por outro lado, desde os primórdios de seu povoamento, Itajaí passou a receber grande número de imigrantes de outras partes da província e também de outras regiões brasileiras e até uns poucos estrangeiros. Esta imigração cresce e Itajaí passa a constituir uma mescla de etnias.”*¹⁹⁹

¹⁹⁷ SILVA, José Ferreira da. Op. cit.

¹⁹⁸ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Op. cit. p. 52.

¹⁹⁹ Ibidem. p. 53.

É importante esclarecer que o trabalho de Maria Bernardete Ramos Flores contribui para a história de Itajaí, abrindo a possibilidade de se perceber outro caminho para a histórica cidade, rompendo, portanto, com a história tradicional. Hoje, a demografia histórica tem ainda seu lugar enquanto método da história e permite inúmeras pesquisas e abordagens metodológicas.

Sob um novo objeto de estudos e novas fontes, as formas de tratamento dados a elas permitem visualizar o movimento da sociedade e avançar em termos de pesquisa histórica local.

O segundo texto citado no início deste capítulo, é excerto do trabalho de dissertação de mestrado da professora Joana Maria Pedro, intitulado “*O desenvolvimento da Construção Naval em Itajaí.*”²⁰⁰, concluído no ano de 1979.

Joana Pedro procurou visualizar, no período de 1900 a 1950, a construção naval em Itajaí, construção em madeira que se desenvolveu e modernizou-se, de carpintaria de ribeira para madeira beneficiada. Buscou perceber “*até que ponto este desenvolvimento e esta transformação estiveram ligados às transformações de mercado*”²⁰¹.

No trabalho, cuja perspectiva é a história econômica, Joana Pedro realizou uma tarefa inusitada e dentro de uma perspectiva smithiana, procurou destacar o crescimento da indústria naval em relação ao mercado, que é, segundo Adam Smith²⁰², o ponto fulcral para o qual se converte toda a produção e o resultado da ação humana - o trabalho, fonte da riqueza de uma sociedade.

²⁰⁰ PEDRO, Joana Maria. O Desenvolvimento da Construção naval de Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local (1900-1950). Dissertação (Mestrado em História) Florianópolis: UFSC, 1979.

²⁰¹ Idem.

²⁰² SMITH, Adam. A Riqueza das Nações. IN: HUGON, Paul. História das doutrinas econômicas. 14 ed. São Paulo: Atlas, 1980.

O mercado é o fio condutor pelo qual são observadas as transformações técnicas e econômicas que ocorreram na sociedade itajaiense no período estudado. Oportuno se faz mencionar algumas questões relativas ao trabalho antes de detalhar suas características. A primeira dessas questões diz respeito ao fato de não se encontrar na bibliografia, nenhum indício de contato direto da autora com autores específicos da economia e que pudessem dar visibilidade da interação dessa obra, de seu objeto e da análise realizada, com corpus teórico específico dos economistas.

Num segundo momento, pode-se inferir que apesar de, à época, estarem em evidência produções da história econômica quantitativista e demográfica, não há citações bibliográficas referentes a elas.

Essa história econômica possuía suas bases ligada a tendências que prevaleceram nos Estados Unidos após a década de 40, ligando a história econômica ao departamento de economia e não ao departamento de história.

O trabalho de dissertação de mestrado de Joana Pedro ocorreu num momento de revisão teórico-metodológica ocorrida no interior do curso de pós-graduação da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, como nos mostra Dallabrida:

*“a partir de 1975, com a criação do curso de mestrado em História na Universidade Federal de Santa Catarina, foi produzida uma leva de obras de História demográfica e econômica baseadas no método quantitativo. Esta inovação foi proporcionada pela contribuição de um grupo de professores visitantes dos Estados Unidos, que trouxeram também a metodologia da história oral.”*²⁰³

²⁰³ DALLABRIDA, Norberto. A historiografia catarinense e a obra de Américo da Costa Souto. IN: Revista Catarinense de História. DHCF/ CHU- UFSC. Fpolis. n 4, 1996. p 14.

Constata-se, no trabalho analisado, não haver menção à obra máxima do pensamento econômico sobre a dinâmica do mercado: *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith. Contudo, a forma como a autora constrói e norteia seu trabalho, assenta-se sobre esse pressuposto teórico - o mercado, o qual é possível identificar-se na ocasião em que a autora descreve as razões que moveram a construção naval em Itajaí, uma vez que aparecem termos próprios à economia, como por exemplo: “dispor de um mercado na região”,²⁰⁴ “transformações do mercado que geraram desafios, exigindo que a construção naval também se transformasse”,²⁰⁵ como demonstram “os fatores que atuaram no desenvolvimento, sendo “comércio intra-estadual, desenvolvido pelo porto de Itajaí, e a navegação fluvial...”²⁰⁶, e os instrumentos específicos que conduziram ao seu desaparecimento. Toda esta análise foi realizada, com base no movimento do mercado. Como se pode ver nas seguintes passagens:

“o desaparecimento gradual destes dois mercados, forçou a construção naval a servir melhor outros mercados dentro da região. A pesca e as atividades ligadas a concertos e reparos, também, formaram um mercado para a construção naval de Itajaí, porém não apresentaram grandes transformações. A pesca, além de representar um mercado pequeno, não ofereceu grandes oportunidades de expansão entre os anos 1900 a 1950, enquanto que os concertos e reparos, em vista do aumento do número de embarcações na região, tenderam a crescer, oferecendo até os dias de hoje atividades para os estaleiros tradicionais de Itajaí.”²⁰⁷

²⁰⁴ PEDRO, Joana M. Op. cit. p. 4.

²⁰⁵ Idem

²⁰⁶ Ibidem. Idem.

²⁰⁷ Ibidem. Idem.

As transformações operadas na história econômica ocorreram, inicialmente, na França.

*“A história econômica moderna nasceu aí, entre 1929 e 1932, com o grande empreendimento de história científica dos preços... para dar uma explicação certamente parcial, mas coerente, da crise de 1929, que François Simiand aperfeiçoou a sua teoria dos movimentos de longa duração tais como concebidos por Konratieff, ...”*²⁰⁸

Joana Pedro preocupou-se em situar historicamente a cidade de Itajaí, principalmente, para demarcar a importância do porto e conseqüentemente da construção naval à economia política do liberalismo do século XVIII. O crescimento econômico concentrou a junção dos elementos, recursos naturais mais trabalho humano.

*“A cidade de Itajaí, sede da construção naval que se estuda, está edificada na margem direita do rio Itajaí-açu, - próximo à embocadura, em frente ao porto. Junto à foz deste rio, em fins do século XVII, já moravam umas poucas famílias, incluindo alguns carpinteiros de ribeira.”*²⁰⁹

A autora preocupou-se também, em demonstrar a importância do porto para a economia da cidade: *“o porto foi muito importante para a economia de Itajaí, principalmente no período em que, por inexistência ou ineficiência de outros meios de transporte, dependeu dele para as suas ligações com outros locais.”*²¹⁰

²⁰⁸ VILLAR, Pierre. História marxista, história em construção IN: LE GOLF, Jacques & NORA, Pierre. Op. cit.

²⁰⁹ PEDRO, Joana M. Op. cit. p. 7

²¹⁰ Ibidem. p. 8 .

Ligado a ele estava o aparecimento de outras atividades, como armadores, estivadores, despachantes²¹¹ as quais geraram “*capitais*”.²¹² E a fórmula “capital e trabalho” produz riqueza. Joana Pedro complementa:

*“o desenvolvimento da construção naval, uma atividade tradicional em Itajaí, teve como fator importante, a acumulação de capital proporcionada por atividades econômicas ligadas ao porto, ao rio e ao mar. Dentre estes, o mais importante foi o porto de Itajaí. Era através dele que se escoava a produção de uma região em constante expansão, formada pelas cidades do Vale do Rio Itajaí-açu que se ligavam ao porto através do trecho navegável deste rio.”*²¹³

Ateve-se, no primeiro capítulo, a apresentar as questões que permitiram modificações na construção naval a partir de transformações operadas no porto. *“Inicialmente foi o comércio entre os portos de Santa Catarina que representou o mais importante mercado para a construção naval de Itajaí, dentro das atividades do porto.”*²¹⁴

Cita, ainda, que:

*“no comércio com outros Estados, as embarcações à vela também fizeram um mercado ... o comércio com o exterior apesar de seu crescimento não pôde ser atendido pelos estaleiros de Itajaí... outros mercados, como o formado pela pesca e pela navegação fluvial, foram melhor atendidos, porém, o primeiro era pequeno e com poucas possibilidades de expansão e o segundo foi desaparecendo no final do período.”*²¹⁵

²¹¹ Ibidem. Idem.

²¹² Ibidem Idem.

²¹³ Ibidem. p. 12.

²¹⁴ Ibidem. p. 13.

²¹⁵ Ibidem. idem.

Na medida em que a autora discute as razões de cada uma das questões citadas, de forma mais contundente, com o uso de tabelas de movimento de comércio interno e externo do porto de Itajaí, vai demonstrando que as perdas quantitativas na construção naval da cidade não constituem fato isolado ou mero acaso, mas encontram-se inseridas num contexto de mudanças e transformações operadas em vários níveis: tecnológico, econômico, produtivo, etc., na ótica do capitalismo.

Sente-se isso no momento em que Joana Pedro descreve a decadência da construção naval com a presença do transporte rodoviário em trajeto antes realizado somente por barcos. *“Conclui-se que as empresas já estavam sentindo os efeitos da concorrência das empresas de transportes terrestres.”*²¹⁶

Complementando, o mercado representando pela atividade pesqueira, é de poucas flutuações, contudo incapaz de *“compensar a perda que a transformação do porto e o desaparecimento do tráfego fluvial representou para a construção naval.”*²¹⁷

Descortina-se na narrativa de Joana Pedro, a construção de outra visão a respeito de Itajaí. Sob uma nova perspectiva, ela apresenta uma Itajaí anteriormente não percebida. É a Itajaí de novas relações. Relações sociais, relações comerciais e, principalmente, econômicas. Ela pontua uma cidade que se constrói na perspectiva do mercado. Uma construção que se norteia pelo movimento deste em relação à construção naval.

Como indicadores desse movimento, a autora cita o movimento do rio, do mar, do porto, das toneladas de produtos comercializados, pela entrada e saída de navios nacionais ou estrangeiros. Tece uma idéia de relações envolvendo outras regras do Estado, do país,

²¹⁶ Ibidem. p. 24.

²¹⁷ Ibidem. p. 28.

até mesmo do estrangeiro. Relações que estimulam melhorias qualitativas e quantitativas na estrutura do porto, na atividade naval e no preparo da cidade para absorver esse processo.

A visão que se constrói é de uma cidade dinâmica, como dinâmico é o movimento do capital e de toda a estrutura capitalista. Observam-se, assim, as transformações técnicas e econômicas.

No primeiro capítulo de seu trabalho, é marcante a preocupação em mostrar a região de Itajaí como local que pode absorver a construção naval no período de 1900 a 1950. Como estimuladores do processo, a autora vai citando o comércio regional e nacional, que tem como ponto de dinamização, o porto e a região que proporciona navegação fluvial pelos 75 km navegáveis do rio Itajaí-açu. A atividade pesqueira e seu crescimento tornaram o mercado de construção naval fundamental para a região, e até mesmo em época de recrudescimento, tiveram na atividade de reparos e consertos um mercado promissor.

O mercado dá a direção. O crescimento de determinadas atividades permite o parâmetro para compreender o movimento do crescimento econômico. O sistema de mercado não existe apenas como uma troca de mercadoria; *“é um mecanismo para sustentar e manter uma sociedade inteira.”*²¹⁸

O sistema de mercado se amplia e é ampliado a partir do uso da técnica no aumento da produção como também, na especialização do trabalho e na diversificação de outras atividades econômicas. Observa-se assim, um movimento crescente, gerador de lucros pelo movimento do mercado e ampliação das relações, que se constroem a partir da ampliação do mercado. Como Smith diria: *“Ao buscar a satisfação do seu interesse*

²¹⁸ HEILBRONER, Robert. A história do Pensamento Econômico. Trad. Circulo do livro. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 29.

particular, o individuo atende freqüentemente ao interesse da sociedade de modo muito mais eficaz do que se pretendesse realmente defendê-lo”²¹⁹

Atende ao mercado, satisfaz a atividade mercantil, apresentando aquilo que a sociedade quer ou deseja, e que lhe convém produzir. Nessa particular e moderna forma de conceber a economia a partir do século XVIII, o individualismo é mola mestra para crescimento e o desenvolvimento econômico, que só se realiza e se efetiva no mercado. Para tanto, um pressuposto torna-se fundamental: a liberdade, bandeira arvorada no princípio do mundo moderno, e sem a qual o mercado não sobreviveria, promovendo e estimulando a competição.²²⁰

O trabalho de Joana Pedro, pontua-se por encontramos estas construções próprias da lógica econômica smithiana no saber que a autora constrói sobre a cidade de Itajaí, de forma específica na lista de tabela que a autora apresenta, e se pode observar a seguir:

Observemos:

- 1 - *“Movimento de embarcações entradas e saídas em 1918 no porto de Itajaí;*
- 2 - *Tonelagem das embarcações que freqüentaram o porto de Itajaí no período de 1941 a 1950;*
- 3 - *Comércio através dos portos em relação ao movimento total;*
- 4 - *Porcentagens do comércio através dos portos do estado, de outros estados e do exterior, frente ao movimento total do porto de Itajaí;*
- 5 - *Movimento fluvial do porto de Itajaí, de 1943 a 1960. Índice para o número de embarcações, peso e valor das mercadorias;*

²¹⁹ SMITH, Adam. *A riqueza das Nações*. IN: HUGON, Paul. História das doutrinas econômicas. 14º ed. São Paulo: Atlas, 1980.

²²⁰ Idem.

6 - *Percentagem da resposta da construção naval à demanda do mercado-tonelagem das embarcações;*

7 - *Registros de embarcações classificadas como T-IV e U-IV no período 1929 a 1934;*

8 - *Embarcações registradas para uso em Itajaí, excluídas as da Cobrasil e T-IV e U-IV;*

9 - *Tonelagem das embarcações que foram adquiridas para atender à demanda não atingida pela construção naval de Itajaí entre 1900 e 1950;*

10 - *Embarcações adquiridas fora da região no período 1909 a 1950;*

11 - *Percentagem das embarcações, registradas e construídas em Itajaí, movidas à vela e a motor em relação ao total de embarcações, e embarcações de maior tonelagem construídas no período;*

12 - *Demanda e resposta ao mercado por atividades da embarcação;*

13 - *Percentagem da resposta da construção naval à demanda do mercado, 1909 a 1950 (tonelagem das embarcações);*

14 - *Embarcações construídas em Itajaí, divididas conforme o proprietário entre 1900 e 1940;*

15 - *Embarcações construídas em Itajaí e registradas na Capitania dos portos desta cidade, divididas conforme o proprietário - 1941 a 1950.*"²²¹

Por essa relação de tabelas, extensa, mas ilustrativa, é possível auferir que a autora teve acesso aos arquivos do Porto de Itajaí, ao Arquivo Público de Blumenau, ao Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, a Capitania dos Portos de Itajaí e que os dados destas

²²¹ PEDRO, Joana M. Op. cit. p. 23.

fontes compõem a análise e o corpo de seu trabalho, permitindo visualizar a demanda do mercado.

Joana Pedro continua: *“o mercado local para a construção naval de Itajai apresentou flutuações na procura de embarcações”*²²² e conclui: *“mudanças na conjuntura nacional, provocadas por fatores externos à vida do país e as transformações do próprio mercado foram as causas mais importantes das flutuações apresentadas pela demanda.”*²²³

Também demonstra em seu trabalho, a ampliação de mercados: *“para atingir a procura não atendida pela construção naval de Itajai, foram adquiridas embarcações da região, de locais fora da região...”*²²⁴

Aí se visualiza a perspectiva de uma economia capitalista conduzida pelas mãos do livre mercado, ampliando o desenvolvimento da atividade de construção naval e interagindo nas respectivas atividades econômicas a ela ligadas.

Joana Pedro complementa: *“Durante o período que se está estudando, houve intercâmbio entre estaleiros e proprietários, de Itajai e da região, ou seja, assim como esta cidade comprou embarcações de outras cidades da região, vendeu também para estas.”*²²⁵

É fácil a ligação que a autora constrói a partir da análise do seu objeto, a construção naval, com um movimento mais geral da sociedade: as transformações, o desenvolvimento, o aumento da demanda e o progresso técnico da época. Orienta-se sempre pela perspectiva do mercado, suas oscilações, oferta e procura, e os próprios mecanismos auto-reguladores.

Atente-se para esses excertos:

²²² Ibidem. p.30.

²²³ Ibidem, Idem.

²²⁴ Ibidem, p.35.

²²⁵ Ibidem. p. 36.

“viu-se, portanto, que as atividades desenvolvidas em Itajaí e que formaram o mercado para a sua construção naval não apresentaram uniformidade na formação da demanda total. A procura de embarcações destinadas ao transporte de cargas e passageiros representou a maior percentagem da demanda geral, demonstrando assim a importância do porto de Itajaí e da navegação fluvial no rio Itajaí-açu, para a formação do mercado da construção naval local.

(...) Para atender à procura de embarcações num mercado que ano para ano tornava-se mais exigente, os estaleiros de Itajaí transformaram-se, aumentaram a tonelagem das embarcações e passaram a construir um maior número de barcos movidos a motor.”²²⁶

No decorrer do terceiro capítulo do trabalho, é possível encontrar-se os passos da construção naval na sua forma artesanal e as particularidades desta atividade, como, também, as modificações técnicas operadas a partir das exigências do mercado.

“Um estaleiro de certo porte em Itajaí, no início do século, possuía características mais ou menos comuns a todos. Contava antes de mais nada, com a capacidade do construtor naval e do carpinteiro da ribeira”²²⁷. E descreve as funções de cada um : “o construtor naval era o artista que desenhava, riscava e dirigia a construção, o carpinteiro da ribeira era o que cortava a madeira, falquejava, cepilhava, arqueava, ajustava, tratava, torneava e muitas vezes até calafetava.”²²⁸

Veja-se:

²²⁶ Ibidem. p.44-45.

²²⁷ Ibidem. p.47.

²²⁸ Ibidem. p.48.

*“ao receber a encomenda de um barco, logo após o acerto do contrato e dadas as dimensões, o construtor desenhava a embarcação em tamanho reduzido, era o projeto. Se ele tivesse mais de 20 toneladas, a Capitania dos Portos exigia a apresentação deste projeto para fins de registro. Após a confecção do projeto, o construtor desenhava a embarcação em tamanho natural no chão da sala de risco. Em seguida era tirado uma espécie de molde em compensado de madeira.”*²²⁹ Apresentando todo o processo de construção, conclui: *“portanto, as técnicas artesanais e manuais utilizadas pelos estaleiros de Itajaí eram eficazes, pois pelo menos até 1930, além de atender ao mercado local, construíram barcos para outros locais.”*²³⁰

As fontes utilizadas por Joana Pedro foram, além de registros de órgãos oficiais, dos registros e relatórios do porto, as entrevistas orais, algo praticamente inovador, no período, para trabalhos acadêmicos. E é justamente a partir dessas entrevistas que a autora pôde recuperar a experiência do ofício da construção naval, como um ofício que possui uma característica peculiar, a tradição. E, assim, empreender no mundo do mercado, da direção do capital e de suas ligações, o mundo do trabalho, das forças produtivas e mostrar uma Itajaí cujo retrato ainda não se havia tirado. É através da pesquisa oral que Joana Pedro resgata esta questão da história da construção naval:

*“...a tradição...o filho é aprendiz. Exemplo disso é a família Silva, que desde o início do século destaca-se pela perícia e trabalho permanecendo no ramo durante todo o período estudado e até a atualidade.”*²³¹

²²⁹ Ibidem. p.49.

²³⁰ Ibidem. p.57-58.

²³¹ Ibidem. p.58.

Pode-se tecer ainda algumas considerações acerca do trabalho de Joana Maria Pedro. Ela descreve de forma clara, logo de início, a construção naval em Itajaí no período, e sem mais delongas, informa quais elementos eram propícios para que se efetivasse tal atividade econômica na região como rentável.

Verifica-se no texto de Joana Pedro que a economia local, tendo como base a atividade de construção naval, estava orientada pelo mercado, uma visão que parte dos princípios da questão smithiana. Ela cita: “... *foi muito importante dispor de um mercado na região...*”²³²

O mercado define estratégias, define relacionamentos entre os indivíduos na sociedade, regula a vida política, enfim, fio condutor sob o qual se constrói a história.

No último capítulo de seu trabalho, Joana Maria Pedro discutiu a questão da capitalização, revelando de forma mais clara os seus referenciais teóricos e a força que possui na forma de conceber a história da construção naval de Itajaí. Observe:

*“a atividade de construção naval em Itajaí, não exigiu muito capital do construtor naval, uma vez possuindo o capital inicial, o capital de giro seria fornecido pelo proprietário da embarcação, em vista da forma de contrato que se estabelecia entre ele e o construtor. mas também esta atividade ofereceu oportunidades limitadas de lucros...”*²³³

A autora encaminha a questão da capitalização segundo os princípios do capital liberal, da racionalidade da economia de mercado.

A partir desta perspectiva, é possível identificar nessa construção historiográfica uma racionalidade para a sociedade, entendida “*como um organismo que tem sua própria*

²³² Ibidem. p. 16.

²³³ Ibidem. p. 74.

*história de vida*²³⁴, ou seja, imutável. E como bem traduziu o pensamento liberal no século XVIII, “conduzido pela mão-invisível”²³⁵ do mercado.

O mercado possui regras e elas estão presentes na construção de um trabalho baseado nesses pressupostos. A competição é regra fundamental, pois irá promover a satisfação do mercado, das mercadorias de que ele necessita, como também promover a estimulação deste pela regra da oferta e da procura.

Ela se traduz ainda em outro fator que diz respeito às quantidades, ou seja, ao volume de mercadorias a ser produzido. Por meio do mecanismo do mercado, a sociedade terá mudado o interesse da produção, fazendo-a assim atender às novas exigências. Encara-se o mercado, como aquele que regulará a quantidade de mercadorias produzidas frente à demanda, o preço que essas mercadorias alcançarão como também os rendimentos do produtor. Esses pressupostos básicos da economia liberal smithiana não apenas passaram a ser norteadores da ação política econômica do século XVIII em diante, mas também permitiram a realização de análises econômicas, sociais e históricas da sociedade.

Portanto, ao trabalhar a questão capitalização, Joana Pedro vai apresentar o mundo da produção naval na cidade de Itajaí com uma realidade, cujo motor do acúmulo de capital, do lucro, do volume da produção, das modificações no ramo da produção é conduzido pelo mercado.

Pontua ainda que, enquanto o capital a ser investido na instalação de estaleiro até o século XX era baixo, o suficiente para adquirir “*ferramentas e um terreno*”²³⁶ para embarcações de pequeno porte, elevava-se à medida que as embarcações se modificaram de

²³⁴ HEILBRONER, Robert. Op. cit. p.54.

²³⁵ Idem.

²³⁶ PEDRO, Joana Joana. Op. cit. p.62.

médio para grande porte, sendo que estas, conclui a autora “representavam até 1940, rendimentos esporádicos para o estaleiro”.²³⁷

Assim, o maior volume de rendimentos provinha de consertos e reparos dado que era maior o volume de embarcações. E conclui que por serem embarcações pequenas, destinadas à “pesca artesanal, fluvial ou marítima, ao pequeno comércio marítimo, ao transporte de pequenas cargas através do rio Itajaí-açú, sugere que estes pequenos compradores fossem pessoas de poucos recursos... sem proporcionar maiores lucros.”²³⁸

Foi justamente a partir dos anos 40 a 50 que a autora observou melhorias por “aparecerem os estaleiros mais bem equipados”²³⁹ Estes foram impulsionados ao desenvolvimento técnico devido à exigência “de uma quantidade cada vez maior de embarcações em vista da grande exportação de produtos da região”²⁴⁰ e conseqüentemente maiores lucros.

A autora quer demonstrar que o período estudado, sofreu por parte dos proprietários de estaleiros, em especial os de pequeno porte, a concorrência com os proprietários-construtores-particulares. Esses, segundo a autora, “eram pessoas de poucos recursos ou de poucas necessidades, ou seja, talvez necessitassem da pequena embarcação apenas para pescas ocasionais no rio ou no mar, ou para pequenos transportes através do rio.”²⁴¹

²³⁷ Ibidem. p.66.

²³⁸ Ibidem. idem.

²³⁹ Ibidem. p.68.

²⁴⁰ Ibidem, idem.

²⁴¹ Ibidem. p. 72.

O resultado da presença desse grupo significa, segundo a autora, menores rendas e complementa que, apesar da lucratividade ser baixa, havia estabilidade na rentabilidade durante o período estudado.²⁴²

Concluindo, percebe-se pelos trabalhos analisados no decorrer desse capítulo, que sobre uma cidade reelabora-se, inventa-se sua história em função de diferentes perspectivas teórico-metodológicas. E, em primeiro lugar, ter claro que ver a “cidade” no imaginário historiográfico, é perceber como o discurso sobre ela modifica-se e readapta-se, em função de questões que não são necessariamente dela, mas colocadas sobre ela.²⁴³ É uma outra Itajaí.

A escolha recaiu sobre estes dois trabalhos, por duas questões específicas: a primeira delas, é por serem únicos em Itajaí no que diz respeito a essas tendências teóricas e portanto, por serem referência obrigatória quando falamos de trabalhos que foram realizados naquele período e naquele contexto da UFSC, conforme discutimos anteriormente. A segunda questão é pelo fato de as referidas professoras comporem o quadro de professores da FEPEVI/UNIVALI, por lecionarem no curso de história desta instituição e portanto, por terem ali repassado conhecimentos apreendidos e por se iniciaram no campo da pesquisa nesta instituição, conforme relato de Joana Maria Pedro.

²⁴² *Ibidem.* p.75.

²⁴³ FOCAULT, Michel. *Op. cit.*

TERCEIRO CAPÍTULO

Uma nova história, Itajaí...outras cidades.

1- *"Enveredar pelo estudo das linhas da imprensa escrita de Itajaí, na década de 20, foi encontrar ventura, poder, alegria, transformação das coisas ao redor mas ao mesmo tempo, destruir tudo o que temos, sabemos e o que somos. E se fizermos uma analogia com os dias atuais, vamos encontrar, neste cantinho da terra - Itajaí, também um grande elo de união da espécie humana, que se traduz no desejo de ser moderno. No entanto, esta união mostra paradoxalmente o seu contrário, revelando um cotidiano de permanente desintegração e mudança, de luta e angústia (...) a imprensa de Itajaí, externava moderadamente a consciência do atraso material de Itajaí, sugerindo medidas que eliminassem os entraves do progresso. O progresso material foi sempre interpretado como condição primeira para superar o atraso e elevar Itajaí, a cidade progressista. Ao discutirem essa probabilidade, via de regra de forma romântica, os jornais discorrem sobre a origem dos problemas, a situação presente e as possibilidades futuras de Itajaí, alcançar a esfera de cidade cosmopolita. O reconhecimento de seu atraso, não esmorecia a fé no seu progresso"*²⁴⁴

2- *"... Joaquina, Romana, Anna e Margarida, que em seus registros de compra e venda são definidas como crioula, pardas, negras e pretas. Observamos aí uma ordem simbólica, que não descende de uma tribo ou nação: ela é uma cor, por sinal imprecisa (...) estudar a mulher escrava em Itajaí é acreditar num caminho para muitos possíveis, mas que grita em seu silêncio. Estudá-la, é uma maneira de reelaborar de alguma forma, a escravidão feminina em Itajaí, e contribuir para minimizar a precariedade de abordagens que enfocam a relação da mulher escrava na formação da história da cidade, além de compreender algumas das raízes da mulher negra trabalhadora que compõe esta sociedade na atualidade... Estas escravas, em sua maioria, eram vindas da Freguesia de Penha, onde suas atividades econômicas eram baseadas nos serviços derivados da pesca da baleia. Com a decadência de tal atividade, algumas destas escravas passaram a ser mercadorias excedentes, sendo então vendidas para a freguesia de Itajaí."*²⁴⁵

Surge em Itajaí, um grupo de novos historiadores, que participa do cenário historiográfico a partir da instalação dos cursos de pós-graduação, a nível de especialização, em História, na UNIVALI²⁴⁶, instituição que passará a se transformar em um novo espaço de produção histórica, reconhecido socialmente. Os excertos iniciais revelam que mudanças significativas ocorreram na historiografia local, declarando a forte influência deste novo espaço de discussão e escrita histórica, na produção de novos historiadores e na cultura

²⁴⁴ RUSSO, Hilene do Amaral Pereira Granja. O Discurso liberal na Imprensa escrita de Itajaí (1910 - 1920). Itajaí : Univali, 1991.

²⁴⁵ SILVA, Elenice Maria Furtado da. Negócios da escravidão da freguesia de Itajaí, um olhar sobre registros cartoriais de compra e venda de escravos (1861 - 1866). Itajaí : Univali, 1995.

²⁴⁶ Muito embora a criação dos cursos de especialização inicialmente cumprisse a função de conferir graus de titulação a professores dos cursos de graduação, uma exigência para que a FEPEVI pudesse se transformar efetivamente em uma universidade, segundo momento, permitiu o surgimento de novos historiadores.

histórica que eles apresentam. E Paul Veyne, lembra muito bem que “*escrever história é uma atividade intelectual.*”²⁴⁷

No decorrer do primeiro capítulo, foi possível perceber a construção da escrita da história de Itajaí sob um prisma diferente: a história tradicional, que compôs os primeiros trabalhos da historiografia local, e cuja orientação teórica baseava-se no Instituto Histórico e Geográfico e que deixou um conhecimento a respeito da cidade. Uma construção composta por relatos, formas escritas, idéias impregnadas de objetividade e subjetividade que cumpriram a função de construir uma história para a cidade. Nesta construção, ocorreu o enaltecimento do político, privilegiando o herói e seus feitos. Criando assim, o mito do herói fundador.

Outra história ou outras histórias e outra cidade podem ser encontradas no decorrer do segundo capítulo. Utilizando, portanto, uma cultura historiográfica distinta, aparece uma Itajaí diferente, porque afinal “*não se cria um fato descobrindo-o*”²⁴⁸. Ele existe. O que o historiador passa a fazer é percebê-lo e realizar “*estruturas possíveis*”²⁴⁹ a sua volta. Novos objetos, novos temas, novas discussões, uma nova maneira de pensar e uma nova realidade na esfera das relações de poder, reelaboram um novo saber sobre a cidade, instaurando relações que decorrem das necessidades institucionais dos locais de origem destes historiadores sendo forçados a buscar a profissionalização. É a história demográfica e a história econômica, como vimos, produzidas a partir de um novo contexto, a Universidade Federal de Santa Catarina e a história da produção histórica daí decorrente.

Nasce, assim, um novo conhecimento a respeito da cidade, contudo o IHGB continua existindo e produzindo. E a invenção desse novo conhecimento inscreve-se na

²⁴⁷ VEYNE, Paul. Op. cit. p.87.

²⁴⁸ Ibidem p. 56.

²⁴⁹ Ibidem. idem. p.56.

relação dos autores e do historiador, na composição das formas e das cores da sua lente, através de seu universo cultural.

Mas para a cidade de Itajaí, foram ainda inventados outros conhecimentos, a partir de outros fatos, compondo outros cenários, apresentando novos personagens, novas idéias, daí, outras cidades, que nascem a partir de novas questões: relações de poder, necessidades institucionais e o novo universo cultural da produção histórica.

É, portanto, nos cursos de pós-graduação, que se percebe a presença das novas tendências historiográficas. Contendo características específicas desde o seu preparo, cada curso se destinava a um público, e nessa direção, propunham-se objetivos e metas específicas

No ano de 1985, aconteceu o primeiro curso de pós-graduação em História - lato sensu. As características eram comuns a muitos outros que surgiram no país. Cursos desenvolvidos basicamente em período de férias, com aulas ministradas por módulos e em regime de intensivo. Este primeiro curso foi organizado pela professora Maria Bernardete Ramos Flores. Seu início se deu em janeiro de 1985 e o término em 25 de janeiro de 1986. Entre seus objetivos encontramos “*a profissionalização, o desenvolvimento da prática pedagógica, o conhecimento teórico-metodológico e instrumentalização para pesquisa*”²⁵⁰ e “*reciclar e atualizar conteúdo dos profissionais de História, levando-os a repensar sua prática didático-pedagógica*”²⁵¹.

Nesse primeiro curso, ainda, identifica-se uma disciplina denominada: “*Transição do feudalismo ao capitalismo*”²⁵² introduzindo no interior de um curso de orientação

²⁵⁰ Dados obtidos no Centro de Pesquisa e Extensão da Universidade do Vale do Itajaí. - Projetos e Relatório dos Cursos de Especialização em História. Itajaí: Univali.

²⁵¹ Relatório de Curso de Pós-Graduação-História do Brasil - 01/1995 - 07/1996 - Itajaí: UNIVALI, 1987.

²⁵² Idem.

notadamente positivista nas suas formulações teóricas, uma discussão cujas raízes centram-se mais pela perspectiva do materialismo histórico, e que têm no econômico, o fundamento, a base material de todas as discussões.

O segundo curso, também intitulado “História do Brasil - lato sensu”, teve início no mês de julho de 1986 e término previsto para julho de 1987, compondo-se de módulos realizados em período de férias, nos meses de janeiro e julho.

O que se pôde perceber nas justificativas do projeto para esse segundo curso foi uma proposta mais abrangente com os olhos voltados para a realidade social.²⁵³ Observemos: “...preocupação de contribuir para a superação da prática de uma política educacional que tem consolidado uma determinada estrutura de dominação social, onde a história ocupa posição de legitimadora da divisão social, como estudo do passado, dentro de uma visão empirista e fragmentada do social.”²⁵⁴ No entanto, não foi possível encontrar ementas, nem bibliografias das respectivas disciplinas, dificultando, por isso a compreensão com maior profundidade, da perspectiva teórica do curso. O que permitiu retirar algumas conclusões, foram justamente as monografias, de cujos temas, foi possível perceber algumas questões expostas adiante.

Entre os trabalhos monográficos desse segundo curso, a grande maioria ocupou-se da organização de arquivos. Assim, houve a organização de processos de questões trabalhistas, desquites e acidentes de trânsito, desenvolvidos nos arquivos do Fórum das Comarcas de Itajaí e Blumenau, como também o trabalho de organização documental de documentos gerais, do período de 1880 a 1929. Nesse mesmo arquivo, foi realizado outro trabalho: a organização de processos de usucapião e ação executiva.

²⁵³ Ibidem. Idem.

²⁵⁴ Ibidem. Idem.

Também no Arquivo da Prefeitura Municipal de Itajaí, foi realizado um trabalho de organização das fontes documentais do período de 1890 a 1899, outro referente à década de 40 e outro ainda que organizou o período de 1886 a 1961.

O resultado desse trabalho de organização de arquivos compôs o conteúdo monográfico, tendo sido dispensada toda e qualquer discussão teórica a respeito de arquivística, fontes documentais ou qualquer outra que fosse. Os detalhes dos relatórios concentram-se em marcar a documentação encontrada e sua quantidade.

O terceiro curso, também intitulado História do Brasil - lato sensu, teve início em janeiro de 1989, estendendo-se até julho de 1990. Aqui, encontramos outras alterações quanto às disciplinas e, através delas e de seus professores, conseguimos visualizar que já foram introduzidas maiores modificações no curso. Assim, temos as disciplinas: “Sistema colonial e Acumulação Primitiva do Capital, Teoria do Desenvolvimento Capitalista, Escravidão Negra na América, Militarismo na América Latina , Formação da Classe Operária Latino-Americana”²⁵⁵.

Ao privilegiar tais objetos para estudo e encaminhar as discussões a partir da esfera do capital, sua acumulação primitiva e desenvolvimento capitalista, fica muito claro não se tratar mais de uma orientação teórica com bases na história política tradicional, mas sim, de uma nova perspectiva teórica fundamentada no materialismo dialético.

Em contrapartida, percebeu-se uma rápida ampliação na visão teórica do curso, visto que os professores não compunham de forma conjunta, um mesmo segmento teórico-metodológico, promovendo a possibilidade de criar e recriar a forma de escrever história como também de produzir diferentes histórias. Esta questão é lembrada por Paul Veyne

²⁵⁵ Relatório do Curso de Pós-Graduação- História do Brasil- 01/1989 - 07/ 1990.

quando diz que “*assim, os historiadores, em cada época, têm a liberdade de recortar a história a seu modo, pois a história não tem articulação natural.*”²⁵⁶

Por fim, o que se percebeu de forma contundente, é que houve tentativas de ruptura, de mudança. O novo se fazia presente. E é justamente numa monografia desse curso, cujo excerto está no início deste capítulo, que se pode identificar melhor essas questões.

Foi no quarto curso de pós-graduação em História que se pôde visualizar mudanças maiores. Intitulado “*História - tendências atuais da historiografia brasileira*”, tem início em janeiro de 1992 e término em fevereiro de 1993, e como o próprio título sugere, novas perspectivas se abrem. Na justificativa do projeto de curso, percebe-se que novas expectativas foram geradas.

O curso buscava a “*...superação dos paradigmas epistemológicos do positivismo*”²⁵⁷ Denunciava a presença do marxismo nos dois cursos anteriores e levanta a possibilidade de limitação: “*O primeiro e segundo curso de análise do materialismo histórico enquanto instrumental para um ensino mais eufórico da história.*”²⁵⁸

No terceiro curso, deixou clara a íntima ligação com as tendências discutidas em outros locais do país expressas a partir da “*pluralidade de paradigmas no sentido da perspectivas dos vários e diferentes pressupostos teórico-metodológicos hoje presentes na historiografia brasileira.*”²⁵⁹

²⁵⁶ VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história. Brasília: UNB, 1982.

²⁵⁷ Relatório de Curso de Pós-graduação. História - tendências atuais da historiografia brasileira. 01/1992-02-1993. Itajaí: UNIVALI, 1992.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Ibidem. Idem.

Essas mudanças, que ocorreram num período de oito anos mais ou menos, desde o início do primeiro curso, permitiram uma avaliação interna do Centro de Pós-Graduação, já expressa na justificativa do curso, que via como positivos os resultados :

“O significado dos cursos até agora realizados para o ensino da história nas diversas redes de ensino da região e do estado são um dado evidente. Os professores reciclaram-se, voltaram a estudar, sentiram a necessidade de modificar até mesmo os currículos das escolas.”²⁶⁰

Isto significava muito para uma universidade *“o acesso aos grandes debates em curso nos grandes centros de produção historiográfica do país, através do intercâmbio promovido com a vinda de professores da USP, UNICAMP e PUC/SP”²⁶¹* ..

Rompia-se assim, o domínio da história positivista e abria-se uma nova aurora. Nem estruturalismos, nem cientificismos. A nova história, seus referenciais teóricos, seus objetos e fontes inscreviam-se como a mais nova possibilidade de ver Itajaí. É justamente no interior desse curso que será possível encontrar novas histórias, novos saberes, e outras cidades para Itajaí.

“Um novo leque de possibilidades apontando para novos paradigmas na direção do estudo das mentalidades, da cultura, da política, do imaginário das diferentes formas de representação e constituição do imaginário social.”²⁶²

A principal preocupação desse curso passou a ser a pesquisa, e para tal houve uma rejeição tanto aos velhos paradigmas, quanto ao materialismo histórico, sem definir uma linha específica, mas mostrando a presença desse referencial teórico nos cursos

²⁶⁰ Ibidem. Idem.

²⁶¹ Ibidem. Idem.

²⁶² Ibidem. Idem.

desenvolvidos e a necessidade de envolvimento, conhecimento e produção científica que abarcassem possibilidades além de uma tradição linear, ou mesmo de amarras estruturantes.

No curso, além das disciplinas específicas quanto à historiografia, outras foram oferecidas: *“Teoria da história, mentalidades, cultura e cidade, movimentos sociais, escravidão...”*²⁶³ revelando, assim uma mudança completa na orientação teórico-metodológica. Os novos temas, além de estarem expressos nas disciplinas, mostrar-se-ão evidentes na escolha dos objetos de pesquisa, e nos trabalhos de conclusão de curso.

No decorrer do quarto e último curso de pós-graduação intitulado “História Social”²⁶⁴ que ocorreu no período de janeiro de 1994 a fevereiro de 1995 percebemos a sua relação com as tendências historiográficas do restante do país, como também, a proximidade das discussões e produções acadêmicas lá efetuadas. Os últimos e mais novos temas então lá discutidos, penetravam no meio acadêmico e historiográfico de Itajaí. Com as disciplinas “Historiografia, Teoria da história, história e escravidão, história e arte, história e relação de gênero, história e cultura, história social da saúde”, o que se poderia encontrar em termos de últimas tendências historiográficas, estiveram presentes e foram discutidas.

Ressalte-se, ainda, a questão monográfica, e seus respectivos títulos, nos quais se percebe a presença das novas tendências uma vez que os títulos evidenciam novos objetos, novas abordagens e novos temas presentes na historiografia local e regional. Observemos:

“Visão antropológica entre a Igreja Católica e a Igreja Luterana em Brusque;

Anúncios de morte entre a ‘saudade e o dever’ 1890-1920;

‘Caça e Tiro: Uma viagem ao Social;

²⁶³ Relatório de Curso de Pós-Graduação: História - tendências atuais da historiografia brasileira. 01/1992 - 02/1993. Itajaí: UNIVALI, 1992.

²⁶⁴ Relatório do Curso de Pós-graduação “lato sensu” em História Social. Itajaí: Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão/UNIVALI, 1994.

União catarinense dos homens de cor, uma organização de 'morenos' na 'Loura'

Blumenau;

Mais um para Brusque '- o olhar do brusquense sobre o hospício dos alienados mentais na década de 1930;

Negócios da Escravidão na freguesia do Itajahy: um olhar sobre registros cartoriais de Compra e Venda de Escravas (1961-1966)...”

A preocupação com o olhar, com a forma de se perceber atores sociais, escravidão, negros a perspectivas antropológicas relativas às questões de cor, raça, grupo social, festa, espaço de relacionamentos sociais e recreativos, são questões não discutidas quando pensamos a historiografia tradicional e o materialismo histórico. Realizam-se sim, sob outras práticas teóricas: sem comprometimento com o político ou com o econômico. Quando percebemos estes elementos, temos a clareza de que a história “*é o que é, não por causa de algum jeito de ser especial ao homem, mas por que escolheu um certo modo de conhecimento*”²⁶⁵, conhecimento específico que elabora e reelabora sobre o objeto que é escolhido, e que parte dos referenciais culturais do próprio historiador.²⁶⁶

Pode-se concluir a partir da visão de mundo dos novos historiadores locais e das histórias aí produzidas, que o papel da instituição como espaço privilegiado da produção do saber histórico sobre Itajaí, aconteceu.

Depreende-se, ainda, que nesse processo também apareceram novas histórias, novos saberes. Esse tempo não é evolutivo, nem linear. Foram descobertas novas cidades

²⁶⁵ VEYNE, Paul. Op. cit. p. 11.

²⁶⁶ Ibidem. p. 46.

dentro de uma cidade que parecia ser singular, única. E outras histórias ainda estão presentes.

Convém salientar que pelo fato de os cursos irem se adaptando a novas tendências, não significa que todos os alunos tenham escrito seus trabalhos e modificado suas visões de mundo. Não há na história, garantias de que tudo seja igualmente assimilado por todos. Como a temporalidade é desigual, também o são as transformações subjetivas do historiador. Na historiografia, a mentalidade e a cultura histórica que envolvem o historiador no tempo da sua produção, precisam ser revisitados ao trabalharmos a produção histórica.

Necessário se faz, ainda, discutir os excertos apresentados no início do capítulo. Entre tantos novos trabalhos a respeito da cidade, optamos pelo de Hilene do Amaral Pereira Granja Russo, que é resultado do 3º curso de Especialização e pelo de Helenice Maria Furtado da Silva, resultado do último curso, sendo nosso critério, apenas a necessidade da escolha.

O primeiro excerto pertence à monografia de conclusão do terceiro curso de pós-graduação, de Hilene do Amaral Pereira Granja Russo²⁶⁷, intitulado, “*O discurso liberal na Imprensa Escrita de Itajaí*”.

Para a realização do trabalho, a autora utilizou uma bibliografia um tanto variada mas que, no entanto, segue uma mesma tendência. É necessário citar esta bibliografia, não apenas por ser referencial teórico da referida autora, mas por fazer parte de um conjunto de leituras realizadas no decorrer do curso de pós-graduação.

²⁶⁷ RUSSO, Hilene do Amaral Pereira Granja. O discurso liberal na Imprensa Escrita de Itajaí. (1910-1920). Itajaí: UNIVALI, 1991.

Assim temos Agnes Heller²⁶⁸, Karel Kosik²⁶⁹, Marshall Berman²⁷⁰, Maria Helena Capelatto²⁷¹, Arnaldo Coutier²⁷², Francisco Falcon²⁷³, Francisco Iglesias²⁷⁴, Leandro Konder²⁷⁵, Jacques Le Golf²⁷⁶, Alcir Lenharo²⁷⁷ e Roberto Schwarz²⁷⁸.

Essa bibliografia permite visualizar a presença do referencial baseado no materialismo dialético, mas observa-se uma perspectiva de revisão, amplia-se o leque de possibilidades com referenciais da nova história, descaracterizando uma possível ortodoxia.

Hilene do Amaral Pereira realizou a análise do discurso liberal presente na imprensa local, procurando perceber como se constroem essas idéias. Os temas, trabalho, mão-de-obra imigrante, liberalismo, sociedade liberal, são percebidos no discurso e apontados como elementos construtores de uma nova cidade que se quer ter.

Entende a autora que essa nova forma de ver Itajaí, apresentada pela imprensa local, cumpriria um objetivo, que era o progresso e a modernização o que se pode perceber claramente neste trecho:

*“A imprensa itajaiense externava moderadamente a consciência do atraso material de Itajaí, sugerindo medidas que eliminassem os entraves do progresso.”*²⁷⁹

²⁶⁸ HELLER, Agnes. O Cotidiano e a história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

²⁶⁹ KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

²⁷⁰ BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido de desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

²⁷¹ CAPELATO, Maria Helena, Os arautos do liberalismo. imprensa paulista (1920-1945). São Paulo: Brasiliense, 1989.

²⁷² CONTIER, Arnaldo. Imprensa e ideologia em São Paulo. 1822-1842. Petrópolis: Vozes, 1979.

²⁷³ FALCON, Francisco José Calazans. Época Pombalina - (política econômica e monarquia ilustrada). São Paulo: Ática, 1982.

²⁷⁴ IGLESIAS, Francisco. Ideologia do colonialismo. IN: História e ecologia. São Paulo. Perspectiva. 1980.

²⁷⁵ KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo. Brasiliense. 1985.

²⁷⁶ LE GOFF, Jacques. A História nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

²⁷⁷ LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas: Papyrus, 1986.

²⁷⁸ SCHWARS, Roberto. As idéias fora do lugar. Estudos do Cebrap, n3, jan, 1973.

²⁷⁹ RUSSO, Hilene do Amaral P. G. Op. cit. p.4.

Através da imprensa, a autora pôde visualizar a cidade que se queria construir e a imagem que se quer ter dela como se observa no trecho abaixo que ela selecionou no seu trabalho:

*“Todos vós sabeis que até bem pouco tempo os nossos vizinhos de colonização alemã não se cansavam de proclamar a incompetência do operariado de Itajaí, principalmente vicentista e açoriano aliado à falta de assiduidade ao trabalho. Com estas e outras inverdades, se procurava desviar do nosso meio toda e qualquer iniciativa em matéria de indústria. Começamos então uma forte propaganda pela imprensa, argumentando com a propriedade das diversas indústrias já existentes e demonstrando que não pode ser mau o operário quando os patrões prosperam.”*²⁸⁰

Hilene do Amaral Pereira procurou deixar visível, através das falas da imprensa local, um projeto reformador, liberal, que trouxe a modernidade para Itajaí. Observar estas questões constitui um avanço para a produção historiográfica local, visto que se abandonaram os velhos paradigmas e se partiu de novos pressupostos que foram além do positivismo e fugindo das amarras do materialismo dialético.

As certezas desses avanços aparecem quando a autora concluiu seu estudo:

*“enveredar pelo estudo das linhas da imprensa escrita de Itajaí, na década de 20, foi encontrar ventura, poder, alegria, transformação da coisas ao redor, mas ao mesmo tempo, destruir tudo o que temos, sabemos e o que somos”*²⁸¹. Nessa fala, percebe-se a influência do pensamento de Marshal Berman²⁸².

²⁸⁰ O Pharol - 04/10/1925 IN: RUSSO, Op. cit. P. 23.

²⁸¹ RUSSO, Hilene do Amaral. Op. cit. p. 40.

²⁸² BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

O outro trabalho, cujo excerto encontra-se no início deste capítulo, é resultado do último curso de pós-graduação, intitulado: “História Social”. A monografia de Elenice Maria Furtado da Silva²⁸³ permite perceber os novos paradigmas da história reconstruindo a história da cidade.

Elenice Maria Furtado da Silva discute escravidão. Seu olhar abre-se para uma Itajaí que outros historiadores não contemplaram. Focalizar a mulher negra escrava tornou o relato ainda mais interessante, pois reconstrói a história da cidade a partir de um mundo que se pensava não existir. A autora abre seu trabalho com essa frase: “...*estudar a mulher escrava em Itajaí é acreditar num caminho para muitos possíveis, mas que grita em silêncio.*”²⁸⁴

As preocupações da autora partem da leitura de registros cartoriais da época de 1861 a 1866, para perceber a presença negra em Itajaí. Através dessa presença ela discute cultura, qualificação, desqualificação e representações.

Elenice Silva inicia seu trabalho com a análise dos registros de compra e venda de Joaquina, Romana, Anna e Margarida. Foram usados nos registros diferentes termos para definir sua cor, que a autora diz tratar-se de uma ordem “*simbólica*”²⁸⁵.

Através desse universo, que se constrói no social e no cultural, se inscrevem diferentes denominações de cor que utilizadas para referir-se às escravas; “*pretas*”, “*retintas*”, “*criolas*”, “*pardas*” corroborando a opinião de Elenice Silva, “*um dos aspectos mais importantes da cultura é a necessidade de representar, dar nomes e dar sentido aos nomes de sujeitos e diferentes categorias.*”²⁸⁶ Por essas questões pode-se

²⁸³ SILVA, Elenice Maria Furtado da. Negócios da escravidão da freguesia do Itajahy: um olhar sobre registros cartorias de compra e venda de escravos (1861-1866). Itajaí: UNIVALI, 1995.

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ Ibidem. Idem.

²⁸⁶ Ibidem. p. 7.

lembrar Paul Veyne quando diz que “os fatos não existem isoladamente”²⁸⁷ mas fazem parte de uma “*intriga*”²⁸⁸ ou uma “*fatia isolada da vida*”²⁸⁹.

Um mundo novo vai descortinando elementos importantes para a análise histórica a partir da questão central, venda de escravos, o que permitirá uma leitura desse social só possível a partir dos referenciais teóricos que a autora possui, a visão de mundo que compõe o seu imaginário, ou seja, a mentalidade histórica de sua época.

Diz a autora que a compra de escravos tratava-se de uma “*aquisição de imóvel*”²⁹⁰, e a partir daí, “*como qualquer imóvel, livre de qualquer embargo ou hipoteca, ser deixada como herança*”²⁹¹.

O preço pelo qual eram negociadas “*...era um jogo variável, alguns dos quais totalmente alheios ao seu real valor que, dependiam da concorrência e da especulação da conjuntura econômica. Dependiam ainda da sua idade, saúde, qualificação, quanto aos seus dotes domésticos e também seus achaques novos e velhos.*”²⁹²

Assim “*...Joaquina, 35 anos, 300 mil réis, Margarida de 28 anos 600 mil réis, Romana 80 mil réis e Anna, com 04 anos de idade 600 mil réis*”²⁹³.

Há uma nova maneira de se fazer história e como diz Paul Veyne: “*o mérito de um historiador não é passar por profundo, mas saber a que nível humilde funciona a história, não é ter visões elevadas ou mesmo realistas, mas ter bom julgamento para coisas mediocres.*”²⁹⁴

²⁸⁷ VEYNE, Paul, Op. cit. p. 44.

²⁸⁸ Ibidem. Idem.

²⁸⁹ Ibidem, Idem.

²⁹⁰ SILVA, Elenice Maria Furtado da. Op. cit. p. 4.

²⁹¹ Idem.

²⁹² Ibidem p. 8.

²⁹³ Ibidem p. 9.

²⁹⁴ VEYNE, Paul. Op. cit. p. 126.

Com a leitura de textos de Sidney Chalhoub²⁹⁵, Jacob Gorender²⁹⁶ e Maria de Barros Mott²⁹⁷, a autora Elenice Silva pode encontrar suporte às muitas questões presentes no seu texto, o que lhe permitiu abrir a possibilidade de se pré-construir e perceber a história de Itajaí através de novas perspectivas historiográficas. Com um novo olhar sobre a cidade, sobre a sua cultura, descobriu-se uma outra cidade.

Concluindo, entende-se que com o conhecimento de novas teorias e novas metodologias, novos historiadores participam do cenário historiográfico local, sendo possível então, construir novos saberes sobre a cidade de Itajaí.

Mas a história continua, pois egressos desses cursos de especialização partem para outras instituições a fim de realizarem cursos de mestrado e doutorado, produzindo outras histórias de Itajaí. E a cidade continua lá ! Apesar de teorias, idéias e construções históricas, ela continua a fazer a sua história, na marcha indiferente dos tempos que se sucedem, soberanos.

²⁹⁵ CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade. São Paulo.: Companhia das Letras, 1990.

²⁹⁶ GORENDER, Jacob. A Escravidão Reabilitada. São Paulo.: Ática, 1990.

²⁹⁷ MOTT, Maria L. de Barros. Submissão e Resistência São Paulo: Contexto, 1988.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A experiência histórica é o conhecimento familiar de todas as generalidades e regularidades da história, seja qual for a embalagem que esteja em moda para a apresentar.”²⁹⁸

No decorrer destes capítulos, procurou-se detectar generalidades, regularidades e peculiaridades da historiografia de Itajaí. Tal experiência, permitiu realizar considerações que não se esgotaram aqui.

Foram identificadas inúmeras modificações na apresentação da história de Itajaí, que muda de face, conforme se modifica o espaço social privilegiado de sua construção. Assim, há diferentes histórias, escritas a partir de diferentes espaços históricos socialmente privilegiados.

Num primeiro momento, o Instituto Histórico e Geográfico foi o local privilegiado de produção de conhecimento de uma cultura histórica a nível nacional e suas ramificações em Santa Catarina informaram uma linguagem de escrita histórica. Os historiadores locais ou regionais partiram dos princípios do IHGB, e com a orientação teórica daí decorrente, criaram uma história local. Esta forma de produção de saber histórico esteve presente, não apenas na discussão sobre a “fundação” como se mostrou, mas compôs um saber que privilegiou o político-administrativo, construindo história de famílias e oferecendo uma visão objetiva dos feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos, deixando, portanto, em segundo plano, os demais indivíduos que compõem a história.

²⁹⁸ VEYNE, Paul. Como se escreve a história. São Paulo: Edições 70, p. 180.

Uma forma de escrever história, de produzir conhecimento histórico em âmbito nacional influenciou diretamente os “historiadores” de Itajaí. Apresentar heróis, criar heróis, mitos, destacar e chamar a atenção para indivíduos economicamente abastados e até criar situações em que eles apareçam como seres privilegiados, foi esta a história que ganhou espaço. Uma história denominada “tradicional” ou “política”, que justificou ações e preservou papéis e poderes políticos. Daí a preocupação em apresentar um herói ao discutir a “fundação” de Itajaí.

Quando, em história, fala-se em cristalização do saber, entendem-se situações como esta, nas quais, mesmo ocorrendo modificações na produção histórica como se observou no decorrer do trabalho, permanece a “velha escrita” ocorrendo até mesmo certa relutância em optar ou admitir uma “nova história”, uma produção histórica cujas fontes, temas e objetos privilegiados se modifiquem.

Algumas alterações na produção histórica aconteceram em Santa Catarina com a criação do curso de Mestrado em História na Universidade Federal de Santa Catarina. Elas estiveram ligadas a questões de estrutura e conjunturas²⁹⁹ sócio-econômicas como foi possível perceber no decorrer do segundo capítulo, e procuraram descaracterizar a historiografia sob os elementos político-administrativos, acrescentando a perspectiva sócio-econômica, o que permitiu um conhecimento de forma ampliada e acrescentou outra dimensão para a escrita histórica.

Mapeando produção, crescimento e desenvolvimento econômico, ao redor de nomes aparecem números, o que permite concluir que tais modificações limitaram-se apenas em revestir a história tradicional de uma nova roupagem, sem romper com os velhos

²⁹⁹ DALLABRIDA, Norberto. Op. cit. p.9 - 19.

paradigmas. No entanto não deixam de ser trabalhos inovadores que permitiram o conhecimento de um novo saber a respeito da cidade de Itajaí.

Não apenas elementos econômicos ganharam espaço na produção histórica para Itajaí, como também os elementos demográficos, como foi possível identificar. A demografia histórica conquista seu espaço na história e converte-se em um novo filão de pesquisa para muitos historiadores que, em meio às amarras do tradicionalismo, encontram alternativas para a pesquisa histórica. Utilizando-se de novas fontes e registros históricos eles compõem assim um outro e novo saber histórico para Itajaí orientado a partir deste novo espaço de produção histórica.

Itajaí recebe a influência desse novo espaço a partir da entrada de professores da FEPEVI/UNIVALI nos cursos de mestrado da UFSC, como foi possível perceber no decorrer do segundo capítulo. Esse deslocamento permitiu a profissionalização das referidas professoras e a produção de um novo saber histórico para a cidade de Itajaí. Um saber que se impôs pela busca e utilização de novas fontes, a partir do contexto de novos métodos: o econômico e o demográfico. A universidade que produz o intelectual que passa a ser o “historiador”, promove o conhecimento de uma nova cultura histórica, institucionalizada e reconhecida socialmente

Como consequência dessa mudança, houve perda de parte do reconhecimento social e acadêmico da produção cuja orientação baseava-se no IHGB, a que, no entanto não deixou de ser escrita, pois existe ainda a preponderância da produção histórica sob orientação da história tradicional, isso porque o número de participantes locais nesses cursos, é reduzido como também o são as condições para a circulação dessas novas idéias.

O terceiro e último local percebido como novo espaço de relações sociais para a produção histórica de Itajaí, centra-se justamente nos cursos de pós-graduação, em nível de especialização da UNIVALI, que como já se viu, passa a ser um espaço socialmente reconhecido, onde as condições existentes e o grande número de participantes garantiu uma maior proliferação das novas orientações teórico-metodológicas para a produção histórica, como também se pôde verificar um acréscimo qualitativo e quantitativo na produção histórica.

Atualmente, os cursos de especialização na área de História já não acontecem mais pois a necessidade presente é a de mestres. O que acontece, são egressos dos cursos de especialização em história da UNIVALI, dirigirem-se para outros locais de produção de conhecimento histórico do país, recriando portanto, outras histórias, buscando novos temas e oportunizando a mudança de face da história de Itajaí.

Configuram-se assim, para Itajaí, diferentes saberes históricos, determinados a partir do olhar do historiador, do momento em que ele escreve e da cultura histórica que possui.

ANEXO 01 - Relatório do Curso de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão de História do Brasil - ITAJAÍ - 1987.

CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO

RELATÓRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL

ITAJAÍ - 1987

2.. OBJETIVOS:

- Desenvolver no profissional de História uma postura científica como agente e sujeito do processo histórico;
- Reciclar e atualizar o conteúdo dos profissionais de História, levando-os a repensar sua prática didático-pedagógica;
- Proporcionar um aprofundamento teórico, metodológico e científico da História;
- Instrumentalizar para elaboração da problemática de pesquisa, para o contato com as fontes, o questionamento e a produção do conhecimento histórico.

3. LOCAL DE DESENVOLVIMENTO DO CURSO:

Campus Universitário da FEPEVI - Itajaí - SC

4. EXECUTOR DO CURSO:

FEPEVI - Fundação de Ensino do Pólo Geoeducacional do Vale do Itajaí, através do Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.

5. NÚMERO DE VAGAS OFERECIDAS:

Foram oferecidas 40 (quarenta) vagas.

6. SELEÇÃO DOS CANDIDATOS:

Para seleção dos candidatos, observou-se os seguintes critérios:

- Ser docente universitário em exercício na área específica;
- Ser docente de 1º e 2º graus com graduação plena específica, com exercício no magistério;
- Graduados em áreas afins;
- Outros graduados.

7. NÚMERO DE PARTICIPANTES:

Candidatos inscritos : 59
Alunos matriculados : 40
Concluíram o curso : 30

3. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES:

MÊS	DIAS	DISCIPLINAS	C. H.	CRÉDITOS
Jan/35	28 a 31	Transição do Feudalismo ao Capitalismo	30 h/a	02
Fev/35	04 a 08	Metodologia da Pesquisa em História	45 h/a	03
Fev/35	11 e 12	Brasil Colônia I	15 h/a	01
Jul/35	18 a 23	Capitalismo Monopolista e Imperialismo	30 h/a	02
Jul/35	23 a 25	Metodologia do Ensino Superior I	30 h/a	02
Jan/86	22 a 24	Metodologia do Ensino Superior II	30 h/a	02
Jan/86	27 a 31	Brasil Império	45 h/a	03
Fev/86	03 a 05	Brasil República I	30 h/a	02
Jul/86	14 a 16	Brasil República II	30 h/a	02
Jul/86	22 a 25	Pesquisa Histórica em SC	30 h/a	02
Jul/86	16 e 18 19 e 21, 22	Historiografia Brasileira	30 h/a	02
Jul/86	17 e 18	Formação do Estado Autoritário no Brasil e na América Latina	15 h/a	01
			30 h/a	02

9. CARGA-HORÁRIA

390 H/A

10. CORPO DOCENTE COM RESPECTIVA TITULAÇÃO E DISCIPLINAS MINISTRADAS
E CARGA HORÁRIA CORRESPONDENTE

CORPO DOCENTE	TITULAÇÃO	DISCIPLINA MINISTRADA	HORAS/AULA
José Roberto de Souza Dias	Doutor	Transição do Feudalismo ao Capitalismo	30 h/a
Déa Ribeiro Fenelon	Doutora	Metodologia da Pesquisa em História	45 h/a
Jaecyr Monteiro	Mestre	Brasil Colônia I	15 h/a
Jaecyr Monteiro	Mestre	Brasil Colônia II	30 h/a
Maria Bernardete Ramos Flores	Mestre	Capitalismo Monopolista e Imperialismo	30 h/a
Leda Scheibe	Doutora	Metodologia do Ensino Superior I	30 h/a
Osvanilde Michels Mendes de Oliveira	Mestre	Metodologia do Ensino Superior II	30 h/a
Pedro de Alcântara Figueira	Doutor	Brasil Império	45 h/a
Joana Maria Pedro	Mestre	Brasil República I	30 h/a
Joana Maria Pedro	Mestre	Brasil República II	30 h/a
Américo Augusto da Costa Scuto	Doutor	Pesquisa Histórica em Santa Catarina	30 h/a
Maria Bernardete Ramos Flores	Mestre	Historiografia Brasileira	30 h/a
José Roberto de Souza Dias	Doutor	Formação do Estado Autoritário no Brasil e América Latina	15 h/a

12. RELAÇÃO DOS ALUNOS E RESPECTIVAS MONOGRAFIAS

ALUNOS	MONOGRAFIAS
Amajilda Benvenutti de Oliveira	O Sindicato dos Mestres e Contramestres de Brusque
Arlete Flores	Companhias de Pesca Pioneiras no Município de Penha: Surgimento, Evolução e Decadência
Arnaldo Silva Matte	Nem Ingênuos, Nem Escravos: Os Indígenas Guarani nas Reduções da Província Jesuítica do Paraguai
Clarice Collim Garcia	Morte do Paraná - Colonização ou Colonialismo?
Deoclésia Knies	O Ensino de História no I e II Graus em Itajaí
Eli Antonio Inácio	Incêndio de Curitiba
Gentile Vezzaro Sucharski	O Arquivo do Hospital Menino Jesus Ltda
Gionomara Oliveira Ribas	O Ensino da História na Percepção do Aluno Um Questionamento da Ação Pedagógica e da Concepção Histórica
Hebe Schwolk de Azambuja	Rivalidade entre os Imigrantes Alemães e Teuto-Brasileiros nas Colônias Dona Francisca e Doutor Blumenau
Leta Andrade Costa	A Evolução Industrial de Joinville e a Classe Operária
Inésia Novelletto	A expropriação das Terras da Beira da Praia da Armação Município de Penha -SC
Lyonete Righetto Miranda	Uma Nova Visão da História
Léa Maria Pinto Ribeiro	Piçarras - Da Emancipação aos Nossos Dias
Lourdes Anna Cappra Pauletti	A Industrialização do Pescado em Itajaí
José Pedro de Souza Filho	História da Colonização de São José

<u>Maria Cristina Capaldi</u>	<u>Aspectos Sócio-Econômicos da Pesca Artesanal em Santa Catarina</u>
<u>Maria Inês Uszynski</u>	<u>Intas Pelas Terras do Sudoeste Paranaense</u>
<u>Maria José Souza dos Passos</u>	<u>Arquivo IBA</u>
<u>Maria Regina Garcia</u>	<u>Intero e a Reforma Protestante</u>
<u>Maria Milene Cardoso</u>	<u>A Escola Numa Sociedade Capitalista e Algumas Palas Sobre Livros Didáticos</u>
<u>Neleci Terezinha Baú Gavioli</u>	<u>A Indústria da Madeira a Partir de 1940 em Caçador "O Meio de Produção Domi- nante": A Serraria</u>
<u>Hildo José Martins</u>	<u>Do Capitalismo Liberal ou de Livre Concorrência ao Capitalismo Monopolista e Financeiro</u>
<u>Hermélio Pedro Weber</u>	<u>Os Movimentos da Juventude Católica e o Estado Autoritário do Brasil 1932-64</u>
<u>Ruth Rogério Cardoso</u>	<u>Laguna no Século XX</u>
<u>Sibilo Luiz Paganotto</u>	<u>Relações de Portugal com a Terra e com os Índios</u>
<u>Roberto Gonçalves Zucco</u>	<u>COP - Central Única dos Trabalhadores</u>
<u>Sueli Garcia</u>	<u>Uma Crítica à Historiografia Acrtica de Joinville</u>
<u>Suzene Córdova Matte</u>	<u>Reflexões Sobre a Natureza da Sociedade Colonial Brasileira</u>
<u>Theonilo Miguel Paganotto</u>	<u>A Colonização do Brasil pelo Sistema das Capitãrias Hereditárias</u>

ESTADO DE SANTA CATARINA
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

COMISSÃO DE ENSINO SUPERIOR

PROCEDÊNCIA - Fundação de Ensino do Pólo Geoeducacional do Vale do Itajaí - ITAJAÍ/SC.

OBJETO - Projeto do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil.

PROCESSO Nº - 520/84.

PARECER Nº 467/84

APROVADO EM 11 / 12 / 1984.

I - HISTÓRICO

O Presidente da Fundação de Ensino do Pólo Geoeducacional do Vale do Itajaí encaminha, para aprovação, Projeto de Curso de Pós-Graduação em História do Brasil, no nível de Especialização "lato sensu", a ser implantado naquela estabelecimento de ensino, a partir de janeiro de 1985.

II - ANÁLISE

Analisando os autos do processo, à luz da Resolução nº 09/84, que regulamenta a matéria, salientamos os seguintes aspectos:

1. Na justificativa apresentada explica-se que o oferecimento deste curso está inserido na política seguida pela Fundação, de oferecer à Comunidade profissionais de alto nível e serviços de extensão que atendam as suas necessidades. O curso busca aprimorar o profissional de História, dentro de uma perspectiva diferente da tradicionalmente usada, levando-o à condução de uma investigação histórica e a "reconhecer seus próprios condicionamentos sociais e sua condição como agente e sujeito da História."

2. O objetivo geral do curso é "aprimorar a formação do profissional de História através do aperfeiçoamento do docente com o objetivo de capacitá-lo teoricamente para exercer competentemente sua profissão."

3. O curso realizar-se-á em época de férias escolares, nos meses de janeiro e julho de 1985 e de 1986, perfazendo 375 horas/aula.

4. Prevê a elaboração de uma monografia pelos alunos, cujo projeto deverá ser entregue até 60 (sessenta) dias após o término da disciplina "Metodologia da Pesquisa em História." O prazo máximo para a entrega da monografia, que é exigência para o recebimento do Certificado de Especialização, é de 6 (seis) meses após o término do último módulo.

5. As disciplinas da grade curricular serão ministradas de forma intensiva e estanca, distribuídas em número de 3 (três) por módulo, num total de 12 (doze).

Proc. 520/84
Fls. 02

6. O sistema de integralização curricular adotado é o de créditos, correspondendo cada crédito a 15 (quinze) horas/aula.

7. É apresentada a ementa das disciplinas arroladas a seguir, com os respectivos créditos e carga horária:

D I S C I P L I N A S	CRÉDITOS	CARGA-HORÁRIA
Transição do Feudalismo ao Capitalismo	2	30 h/a
Metodologia da Pesquisa em História	3	45 h/a
Brasil Colônia I	1	15 h/a
Brasil Colônia II	2	30 h/a
Imperialismo e Capitalismo Monopolista	2	30 h/a
Metodologia do Ensino Superior I	2	30 h/a
Metodologia do Ensino Superior II	2	30 h/a
Brasil Império	3	45 h/a
Brasil República I	2	30 h/a
Brasil República II	2	30 h/a
Pesquisa Histórica em Santa Catarina	2	30 h/a
Historiografia Brasileira	2	30 h/a
T O T A L	25	375 h/a

8. Será exigida a frequência mínima de 85% por disciplina da carga horária prevista.

9. O corpo docente é constituído pelos seguintes Professores:

- José Roberto de Souza Dias - Doutor em História pela USP.
- Dêa Ribeiro Penelon - Doutora em História pela UFMG.
- Jaecyr Monteiro - Mestre em História pela UFSC.
- Maria Bernadete Ramos Flores - Mestra em História pela UFSC.
- Alzira H. Dutra - Mestre em Educação pela UFRGS.
- Pedro de Alcântara Figueira - Doutor em Ciências pela UNESP.
- Joana Maria Pedro - Mestre em História pela UFSC.
- Américo Augusto Souto - Livre Docente na UFSC.

10. O mínimo de participantes será de 30 (trinta) e a seleção se baseará na análise dos currículos dos candidatos.

11. Em cada disciplina o aproveitamento será avaliado por meio de provas, seminários e trabalhos em geral, sendo o grau final expresso por meio de conceitos.

Proc. 520/84
Fls. 03

12. A fls. 23 consta o cronograma de execução do curso, que prevê aulas nos períodos matutino e vespertino, de segunda-feira a sábado, nos meses de janeiro, fevereiro e julho dos anos de 1985 e 1986.

13. A fls. 25 é apresentado o orçamento. A despesa prevista está orçada em CR\$ 26.363.991,17 (vinte e seis milhões, oitocentos e sessenta e três mil, novecentos e noventa e um cruzeiros e dezessete centavos), que representa 1.503,55 em ORTNs (setembro/83), corrigidos mensalmente a uma taxa provável de 10% a.a. A receita prevista importa em CR\$ 26.863.991,17 (vinte e seis milhões, oitocentos e sessenta e três mil, novecentos e noventa e um cruzeiros e dezessete centavos), advinda de recursos próprios, alocados da seguinte forma:

30 alunos x 1.130.000,00 = 33.900.000,00.

14. A coordenação do curso em apreço está a cargo da Professora Maria Bernadete Ramos Flores, Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

III - VOTO DO RELATOR

Faca ao exposta na análise, somos pela aprovação do Projeto de Curso de Pós-Graduação em História do Brasil, no nível de Especialização "lato sensu", a ser implantado na Fundação de Ensino do Polo Geoducacional do Vale do Itajaí.

IV - DECISÃO DA COMISSÃO

A Comissão de Ensino Superior acompanha o Voto do Relator. Em 04 de dezembro de 1984.

João Nicolau Carvalho - Presidente da CES
Waldir Berndt - Relator
Hilton Amaral
Edison Villela
Rogério Braz da Silva
Clóvis de Soute Goulart
Lauro Ribas Zimmer

V - DECISÃO DO PLENÁRIO

O Conselho Estadual de Educação, reunido em Sessão Plena, no dia 11 de dezembro de 1984, deliberou, por unanimidade, aprovar as conclusões apresentadas.

Prof. Luiz Anderson dos Reis
Presidente do CEE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E FONTES

A - Fontes Primárias

A1 - Acervos

A1.1 - Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí

A1.1.1 - Livros

BRANDÃO, João Pery. **Memórias**. Itajaí: Arquivo Público Municipal (cópia xerox), 1982.

d'AMARAL, Max Tavares. **Contribuição a história da colonização alemã no Vale do Itajaí**. São Paulo: Publicação do Instituto Hans Stadem, 1950.

d'ÁVILA, Edison. **Itajaí, o começo da história**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1996.

d'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí. Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.

KONDER, Marcos. **A pequena Patria**. Itajaí: Novidades, 1985. (1ª edição de 1923).

SILVA, Zedar Perfeito da. **O Vale do Itajaí - documentário da vida rural nº 6**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954.

TSCHDI, Johann Jakob Von. **As colônias de Santa Catarina**. (1861) Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau: / CNPq, 1988.

A1.1.2 - Revistas

Blumenau em Cadernos. jan-fev/1974. 1963. 1967.

A1.1.3 - Documentos

BRANDÃO, João Pery. **Itajaí que eu vi.** (memórias datilografadas - cópia cedida pela família ao Museu e Arquivo Histórico). Itajai, 1982

A1.1.4 - Jornais

JORNAL DO POVO. 1982.

A1.1.5 - Artigos

SILVA, José Ferreira da. Itajaí, a fundação e o fundador. In: **Blumenau em cadernos.** Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1967.

SILVA, José Ferreira da. **As terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond.** **Blumenau em cadernos,** Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1963. tomo VI - nº 4.

A1.2 - Acervo do Centro de Memória e Documento Social da UNIVALI**A1.2.1 - Atas**

Ata de Reunião do Conselho Superior da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras - 09 de fevereiro de 1981 a 25 de fevereiro de 1982.

Ata da Reunião de 25 de fevereiro de 1982 a 24 de fevereiro de 1983.

Ata da Reunião de 09 de fevereiro de 1986 a 20 de fevereiro de 1987.

A1.2.2 - Relatórios

Relatório final da comissão de acompanhamento para transformações em universidade - 1989.

Relatório de Atividades -1982. FEPEVI. Itajaí: UNIVALI , 1982.

Relatório de Atividades -1983. FEPEVI. Itajaí: UNIVALI , 1983.

Relatório de Atividades -1984. FEPEVI. Itajaí: UNIVALI , 1984.

Relatório Quadrienal 1983/03 a 1985/03. Itajaí: FEPEVI, 1985.

Relatório Quadrienal 1977/03 a 1981/03 Itajaí: FEPEVI, 1981.

A1.2.3 - Cadernos

Cadernos das Faculdades ano I - nº 2. Trimestral. 1992, Itajaí: UNIVALI, 1992.

p.27.

Cadernos das Faculdades ano II - nº 3. Trimestral. 1993, Itajaí: UNIVALI, 1993.

p.9.

A1.2.4 - Documentos

Projetos e Relatórios dos Cursos de especializaçãoda UNIVALI.

Relatório do curso de Pós-graduação Historia do Brasil - 01/1985 - 07/1986.

Relatório do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil - 07/1986-02/1988.

Relatório do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil - 01/1989 - 07/90

Relatório do Curso de Pós-Graduação em História Sociall - 01/1994 - 02/1995.

Relatório do Curso de Pós-Graduação em História: tendências Atuais da
hsitoriografia brasileira - 01/1992 - 02/1993

Relatório do Curso de Pós-Graduação em História Sociall - 01/1994 - 02/1995.

A1.3 - Acervo da Biblioteca Central da UNIVALI

A1.3.1 - Dissertação

FLORES, Bernadete Ramos. **História demográfica em Itajaí: Uma população em transição (1866-1930)**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.

PEDRO, Joana Maria. **O Desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina. Uma resposta ao mercado local - 1900 a 1950**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.

A1.3.2 - Monografias

RUSSO, Hilene do Amaral Pereira Granja. **O discurso liberal na imprensa escrita de Itajaí. (1910-1920)**. Itajaí: UNIVALI, 1991.

SILVA, Elenice Maria Furtado da. **Negócios da escravidão da freguesia de Itajahy: Uma olhar sobre registros cartoriais de compra e venda de escravos. (1861-1866)**. Itajaí: UNIVALI, 1995.

B - Fontes Secundárias

B1 - Artigos

ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. In: **Revista USP**. São Paulo: CCS. nº 23, p.22-33, set/out/nov/1994.

BURGUIÈRE, André. Demografia. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

DALLABRIDA, Norberto. A historiografia catarinense e a obra de Américo Souto. **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Insular, 1996, n 4, p. 21- 33, 1996.

FELIX, Loiva Antero. **A História Política Hoje**: novas abordagens. Florianópolis: VI Encontro Estadual de História, 1996. (Cópia xerocada de texto apresentado no encontro). 1996.

LOPEZ, André P. A. Documento e História. In: MALERBA, Jurandir. (Org.). **A Velha História**: teoria, método e historiografia. São Paulo: Papyrus, 1986.

MARCHI, Euclides, BONI, Maria Ignês, SIQUEIRA, Márcia, NADALIN, Sérgio. Trinta anos de historiografia: Um exercício de avaliação. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero. Vol. 13, nº 25/26, p. 133-141.

PEREZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

RIBEIRO, Renato Janine. O risco de uma nova ortodoxia. In: **Revista USP**. São Paulo: CCS. nº 23, p.7-13, set/out/nov/1994.

SALIBA, Elias Thomé. Historiografia e Novas Tendências da história. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Insular, 1996, nº 4, p.21-33, 1996.

SERPA, Élio Cantalício. **História da História do Povoamento Catarinense**: a busca da identidade. Florianópolis: UFSC, (cópia xerocada de mimeografia.).

SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história. IN: **Revista brasileira de história**. São Paulo: Marco Zero. vol 13, n 25/26, p. 67, set. 1992 / ago. 1993.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.

VILLAR, Pierre. História marxista, história em construção. In: LE GOFF, Jacques. **História: novas abordagens**. Direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: terceiro Milênio, 1994., nº 2, p.5-15, 1994.

B2 - Livros

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e o reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. Dissertação. (mestrado em História) São Paulo: PUC, 1989.

ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

BENJAMIN, Walter. Paris Capital do século XIX. IN: COHN, Gabriel. (Org.). **Walter Benjamin: Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. IN: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido se, desmancha no ar**. a aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro Bertrand Brasil S.A., 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz/ Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Porto: Afrontamento, 1980.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929 - 1989**. São paulo: UNESP, 1991.

BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História : novas perpectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.

CABRAL, Osvaldo Rodreigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 1987.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Rio de Janeiro; Difel / Bertrand, 1990.

d'ÁVILA, Edison e d'ÁVILA Márcia. **Festa e tradições populares de Itajaí**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1994.

d'ÁVILA, Edison. **O público e o privado na fundação de ensino superior em Itajaí.** (1962-1970). Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

d'ÁVILA, Edison. **A revolução federalista de 1893 em Itajaí.** Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins/ Arquivo Histórico de Itajaí, 1993.

ELIAS, Norbert **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Cadernos da PUC. Série Letras e Artes 6/74, Cadernos n 16, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1988. 3 vols.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GAY, Peter. **O Estilo na história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, e Sinais- morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX- 1915 - 1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LEGOFF, Jacques. **História: novas abordagens.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LEGOFF, Jacques. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LEGOFF, Jacques. **História: novos problemas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LEGOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MALERBA, Jurandir. (Org.). **A velha história: teoria, método e historiografia.** São Paulo: Papyrus, 1986.

NEEDELL, Jeffrey. D. **Belle epoque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Luiz Henrique. **Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro.** Dissertação. (Mestrado em História) São Paulo: PUC, 1990.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1992.

PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro. 1831 - 1889.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história : operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PIAZZA, Walter. **Santa Catarina, sua história.** Florianópolis, Ed. UFSC/Lunardelli, 1983.

RAGO, Margarete. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890 - 1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Luiz Roberto. **O Centro de Pós-graduação da UNIVALI.** Itajaí: UNIVALI, 1992

SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1979.

SADER, Éder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 - 1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas.** S.P., Brasiliense, 1991.

SALLES, Iracy Galvão. **Trabalho, Progresso e Sociedades Civilizadas. O Partido Republicano Paulista e a Política de Mão de Obra. (1870-1889).** S.P., Ed. Hucitec/UNL. 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 - 1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993..

SENNET, Richard. **O declínio do homem público, as tiranias da intimidade.** S.P., Cia das Letras, 1988.

SERPES, Michel. **O contrato natural.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole : São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **A Litueratura como Missão, Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República.** S.P., Brasiliense, 1989.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemão no Vale do Itajaí-Mirim:um estudo de desenvolvimento econômico.** Porto Alegre/Brusque: SAB, 1974.

SEYFERTH, Giralda. Aspectos da proletarização do campesinato no Vale do Itajaí (s.c.): os colonos-operários. In: LOPES, José Sérgio Leite. **Cultura e identidade operária: aspecto da cultura da classe trabalhadora.** Rio de Janeiro: U.F.R.J./Marcos Zero/PROED, 1987. VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Portugal. Ed. 70, 1971

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade ética.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** São Paulo: Edições 70.1971.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.